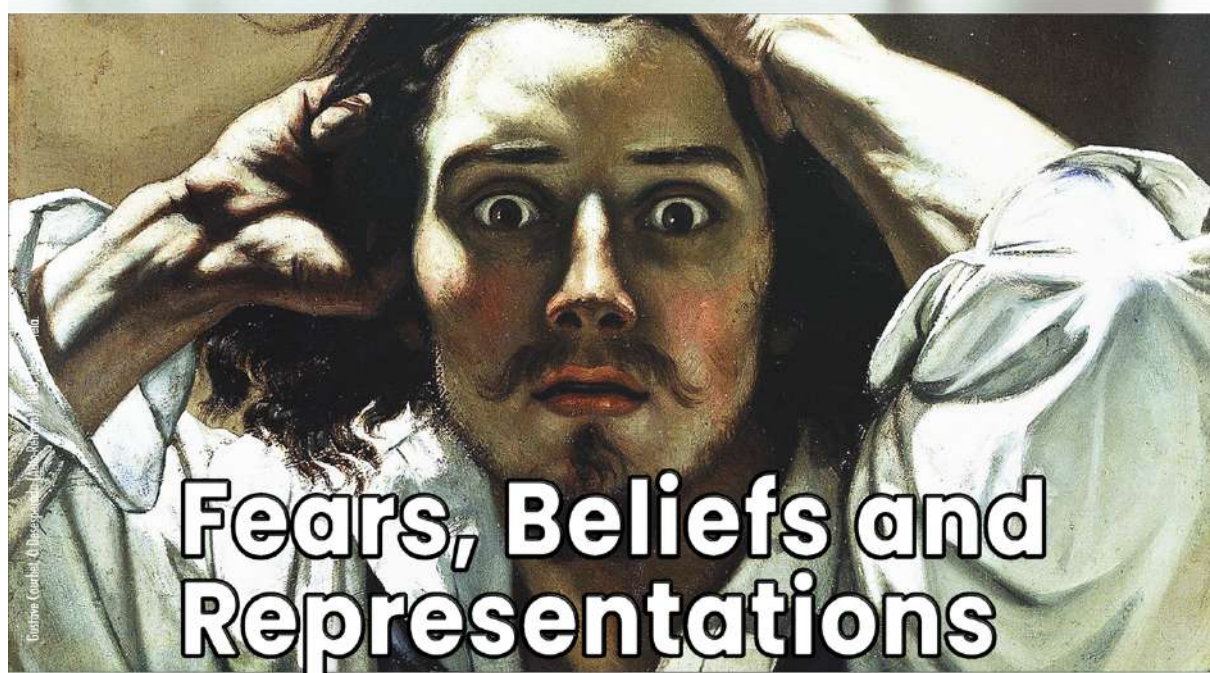


III ATLANTIC CONFERENCE HISTORY, CULTURE AND HERITAGE 2025



23-26 SEPTEMBER 2025
UNIVERSITY OF THE AZORES
AUDITORIUM VIII
PONTA DELGADA
S. MIGUEL ISLAND - AZORES

ORGANIZATION



SUPPORT



PARTNERS



MEDIA PARTNER



© CHAM - Centro de Investigação e Inovação para o Ambiente e a Tecnologia, L.P. - 500/2016A/2015. NÚM. 2/0466/2016 - <https://doi.org/10.14447/CHAM/2016/2015> - <https://doi.org/10.14447/CHAM/2016/2015>

*Este projeto, com o número de 0215/2016.C/006/2015, recebeu Financiamento da Região Regional da Madeira, através da "Sistema de Incentivos FISCALIZADO".

BOOK OF ABSTRACTS
LIVRO DE RESUMOS

Scientific Board / Comissão Científica

Assunção Melo - CHAM Açores – Centro de Humanidades (NOVA/UAc)
Camilla Asplund Ingemark - Uppsala University, Sweden
Isabel Soares de Albergaria - CHAM Açores – Centro de Humanidades (NOVA/UAc)
Irene Vaquinhos - CHSC – Universidade de Coimbra
Izilda Matos – PUCSP, S. Paulo, Brazil
Joanna Bourke – Birkbeck College - University of London, United Kingdom
José Pedro Paiva – CHSC – Universidade de Coimbra
João Paulo Oliveira e Costa - CHAM – Centro de Humanidades (NOVA/UAc)
Lená Medeiros de Menezes – UERJ, Rio de Janeiro, Brazil
Margarida Sá Nogueira Lalande - CHAM Açores – Centro de Humanidades (NOVA/UAc)
Pablo Atoche – ULPGC, Canarias, Spain
Susana Goulart Costa - CHAM Açores – Centro de Humanidades (NOVA/UAc)
Susana Serpa Silva - CHAM Açores – Centro de Humanidades (NOVA/UAc)

Organising Committee / Comissão Organizadora

Assunção Melo – CHAM Açores – Centro de Humanidades (NOVA/UAc)
Bruna Valério - CHAM Açores – Centro de Humanidades (NOVA/UAc)
Joana Martins - CHAM Açores – Centro de Humanidades (NOVA/UAc)
Susana Goulart Costa - CHAM Açores – Centro de Humanidades (NOVA/UAc)
Susana Serpa Silva - CHAM Açores – Centro de Humanidades (NOVA/UAc)

ORGANIZATION	SUPPORT	PARTNERS	MEDIA PARTNER
 CHAM AÇORES	 NOVA FCSH	 fct Fundação Calisto e Calisto e a Tecnologia	 INTERNATIONAL CONFERENCE ALERTS
	 CONSELHO DOS AÇORES	 ULPGC Escuela de Doctorado	 GASPAR FERREIRO FUNDAÇÃO
	 VICE PRESIDENCIA AZORES	 diogo	 CIVISA
		 MCM Museu Calisto Presidência	

O CHAM - Centro de Humanidades é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (UIDB/04666/2020 UIDP/04666/2020 - <https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020> e <https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020>).

*Este projeto, com o referência M2.3.B/CI/06/2025, recebe financiamento da Direção Regional da Ciência, Inovação e Desenvolvimento, através do Sistema de Incentivos PROSCIENTIA.

Opening Lecture / Conferência de Abertura

Fear in an Age of 'Culture Wars'

Joanna Bourke

Biographical Note / Nota Biográfica: Professor Emerita of History at Birkbeck, University of London, and Professor Emerita at Gresham College. She is the prize-winning author of 15 books and over 120 academic articles. She writes on sexual violence, modern warfare, psychology and psychiatry, the emotions, 'evil', Higher Education, and what it means to be human.

She is currently writing a history of female cultures of drinking. Among others, she is the author of 'An Intimate History of Killing' (1999, which won the Wolfson Prize and the Fraenkel Prize), 'Fear' (2005), 'Rape' (2007), 'What it Means To Be Human' (2011), 'The Story of Pain' (2014), 'Wounding the World: How Military Violence and War-Play are Invading our Lives' (2014), and 'Loving Animals' (2019).

In 2022, Reaktion Books published 'Disgrace: Global Reflections on Sexual Violence' (also published by Chicago University Press and as an audiobook) and OUP published 'Birkbeck: 200 Years of Radical Education for Working People'. Her books have been translated into Chinese, Russian, Spanish, Catalan, Italian, Portuguese, Czech, Turkish, Korean, and Greek. She is a frequent contributor to TV and radio shows, and a regular correspondent for newspapers.

“De pavos extraños a toros ciegos y furiosos”. El poder de la palabra y la manipulación de las emociones en la sermonaria y parénesis de la edad moderna

João Figueirôa-Rego

Abstract / Resumo: Los sermones y paranésis desempeñaron un papel destacado en la predicación litúrgica a lo largo del período ibérico moderno. Tanto en el contexto geográfico metropolitano como en los espacios de ultramar. Las preocupaciones por la salvación del alma, el temor al castigo eterno y la negación del cielo constituyeron un material de predicación común para diferentes públicos. La diferencia principal radicaría en el talento de la predicación y la capacidad de los oyentes. Aunque existiesen disposiciones adecuadas para el ejercicio de la oratoria, esto no significaba que se cumplieran estrictamente. La diferencia residía en la capacidad de los propios actores eclesiásticos, algunos más eruditos y espirituales, otros más toscos y duros a la hora de comunicar el mensaje divino. Otros, en cambio, se apegan a recursos estilísticos, llenos de florituras.

Es esta distinción, en el modo de comunicar y recibir la palabra de Dios, la que pretendemos evocar, en un momento en el que las cuestiones políticas tampoco eran ajenas.

Biographical Note / Nota biográfica: Investigador e subdirector do CHAM Centro de Humanidades, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, tendo-se doutorado em História Moderna no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. É director dos AHAM, publicação científica indexada em 17 plataformas internacionais. Tem colaborado em vários projectos financiados por instituições europeias, e é autor de numerosos capítulos e artigos publicados em Espanha, Itália, Brasil, Reino Unido, Marrocos, etc. Os seus interesses de pesquisa radicam na questão dos estatutos de pureza de sangue, no papel da Inquisição e outras magistraturas, nobrezas e sociabilidade, monopólios do tabaco, escravatura e transferências culturais.

Mapear o medo: devoções religiosas nos Açores no Antigo Regime

Tiago Simões da Silva

Abstract / Resumo: As sociedades antigas eram dominadas pela crença religiosa, que ditava a relação entre o Homem e os elementos. A vida decorria entre o calendário das estações e o calendário litúrgico, e o quotidiano era marcado pela presença de espaços sagrados e por tempos de oração. A morte convivia com a vida, sentindo-se na fragilidade dos corpos, mas também na presença dos mortos através das obrigações de alma, lembrete permanente do pecado e dos castigos que esperavam o Homem depois da morte. Mas não era apenas o Purgatório e o Inferno que causavam medo, também os perigos do quotidiano, sempre iminentes, fossem pestes, guerras, fomes ou um sem número de violências possíveis. O *homo religiosus* – como chamou Eliade ao “homem das sociedades tradicionais” – criou uma plêiade de figuras protectoras, cada uma respondendo a um perigo ou anseio, e desenvolveu panteões que o catolicismo mimetizou através de evocações marianas e hagiográficas.

Nos Açores os medos foram acentuados pela realidade insulada, vítima frequente de desastres naturais, ataques do exterior, surtos infecciosos e escassez de recursos. A religiosidade das ilhas reflecte esta experiência, podendo estudar-se os medos sentidos pela comunidade de forma indirecta através do “mapeamento” das suas devoções. A relação com o mar constitui um dos casos com maior expressividade, impulsionando uma intensa religiosidade popular, na qual se reconhecem muitas das invocações e práticas identificadas por Frei Geraldo Coelho Dias em ensaio teórico sobre o tema.

Esta comunicação pretende analisar as principais devoções presentes nos Açores na Época Moderna e a sua relação com os medos da comunidade, aprofundando em particular a sua relação com o mar e observando o caso da vila de Horta de forma sistemática – desde as práticas religiosas mais formais até à nomeação de ruas e embarcações.

Esta comunicação pretende analisar, para o território açoriano, o panorama das devoções populares, procurando identificar padrões a partir dos quais se possam pensar os medos da comunidade.

Numa primeira parte utilizaremos como fontes principais os cronistas açorianos Gaspar Frutuoso, Diogo das Chagas e António Cordeiro, registando as devoções mais importantes, *i.e.*, dos oragos das paróquias e ermidas. Esta sistematização no contexto regional identificará repetições que se possam considerar como padrão significativo, a partir do qual se extraiam ilações sobre medos transversais à sociedade regional.

Numa segunda parte, e de forma mais aprofundada, centrar-nos-emos no caso da vila da Horta, para a qual se procurará reconstituir a presença de santos ou da Virgem, desde os altares principais aos secundários, mas também em práticas como a nomeação de embarcações ou mesmo na antroponímia. Esta análise detalhada permitirá observar a hierarquia interna formada entre as várias evocações, assim como a forma como estas se estendem a expressões do quotidiano fora do meio estritamente religioso. Enquadrada no contexto regional e comparada com outros casos similares, permitir-nos-á pensar a identidade daquela comunidade específica na sua relação com o divino e os elementos naturais, atestando ainda, e em particular, a sua estreita ligação ao mar, espelhando-se na estrutura devocional os medos dele provenientes.

Biographical Note / Nota biográfica: Licenciado em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2014), com uma Pós-Graduação em História Moderna e dos Descobrimentos (2015).

Investigador do CHAM – Centro de Humanidades (Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores) desde 2015.

Doutorando em História Moderna, com uma tese sobre a sociedade faialense no século XVIII, em particular a sua paisagem social e material.

Medo e coexistência. Cristãos e otomanos pela voz de um viajante português da aurora do século XVI

Paulo Catarino Lopes

Abstract / Resumo: A presente comunicação tem por alicerce uma fonte documental da autoria de um fidalgo português que viaja até Itália em 1510 e aí habita até 1517. Neste testemunho, o confronto com o *Outro* otomano é uma constante e o elemento estruturante de toda uma construção identitária, na qual o medo e a desconfiança assumem-se como os quadros emocionais por excelência. No entanto, momentos há em que é possível detectar nas entrelinhas da retórica política do texto indícios de práticas de coexistência e interculturalidade entre os otomanos e os cristãos europeus que com eles marcam fronteira na Europa do Leste. São esses indícios que pretendemos explorar, bem como, aspecto não menos relevante, traços pontuais de uma inequívoca curiosidade e espanto por parte do autor relativamente a este encontro de culturas.

Biographical Note / Nota biográfica: Investigador Integrado do Instituto de Estudos Medievais (IEM) e Investigador Associado do CHAM – Centro de Humanidades, ambas Unidades de Investigação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (NOVA FCSH), instituição onde obteve os graus de Mestre e Doutor em História, após se ter licenciado no mesmo domínio científico pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL).

Com especialização em História das Mentalidades, os seus interesses de investigação centram-se nos seguintes temas: mobilidade e viagem; representações de identidade, alteridade e interculturalidade; emoções.

Os seus contextos de análise privilegiados são as relações internacionais e as relações culturais e religiosas.

O turco às portas! Do medo do inimigo á forma de o combater no Portugal sebástico

Luís Costa e Sousa

Abstract / Resumo: O avanço paulatino dos otomanos no Mediterrâneo empurrou, progressivamente, os espanhóis das suas posições às portas do Egipto até perto da fronteira oriental da zona de influência portuguesa. A Espanha não só recuava no Norte de África, como o seu próprio território europeu corria perigo. A revolta das Alpujarras, que se prolongou por quase 3 anos e fez rezear o restabelecimento de um reino islâmico na Península Ibérica, foi um episódio traumático, mas esporádico. Já o corso vai intensificar-se a partir de meados do século, colocando em risco a margem europeia do mediterrâneo.

Em Portugal, o corso *berberesco* assolou insistentemente a costa do Algarve, mas também o Norte do reino - no Porto e mesmo nas povoações ribeirinhas ao rio Minho - instilando o terror nas populações; “há mouro na costa”, era o rebate que fazia temer a captura ou morte.

Falar-se-á da reacção a este fenómeno. Como em Portugal se fortificaram os pontos-chave, e como o rei D. Sebastião procurou levar o medo ao outro lado do Mediterrâneo: “ir a africa e tomar Fez, como os mouros temem”.

Biographical Note / Nota biográfica: Arquitecto licenciado pela FAUTL, e doutorado em História dos Descobrimentos e Expansão pelo CH-Universidade de Lisboa, investigador integrado do CHAM/FCSH-Universidade NOVA de Lisboa, membro correspondente da Academia Academia de Marinha, e do conselho científico da CPHM.

O seu trabalho propõe uma análise interdisciplinar da Guerra em Portugal durante o Renascimento, nomeadamente dentro das temáticas da produção teórica e a prática militar, da relação entre a guerra, arte e arquitectura, e sobre a produção iconográfica.

Entre a “Virtude” de administrar e a “Repugnância” de negociar: Alessandro Vallareggio na Procuratura das missões jesuítas em Lisboa (1573-1576)

Diogo Reis Pereira

Abstract / Resumo: A presente proposta de comunicação parte do mote “Medo, Crenças e Representações”, tema da III edição da Atlantic Conference, para analisar os dilemas éticos e morais enfrentados pelo jesuíta italiano Alessandro Vallareggio (c. 1528–1579), o primeiro Procurador das missões jesuítas da Assistência Portuguesa. Indicado pelo Padre Geral Everardo Mercuriano (1514–1580), sob sugestão do Padre Alessandro Valignano (1539–1606), Vallareggio assumiu as responsabilidades inerentes às províncias extra-europeias, que até então estavam incorporadas no leque de competências do Procurador da Província de Portugal (fundado em 1554). A sua nomeação deve-se, muito provavelmente, devido à sua experiência *in loco* nas missões asiáticas. A partir deste momento, passou a assumir-se como mediador de operações que ligavam o Atlântico ao Indo-Pacífico, gerindo um intenso fluxo de pessoas e mercadorias, tomando a seu cargo uma vasta rede de informação, enquanto atuava no campo financeiro e comercial.

Particularmente interessante na carreira de Vallareggio à frente da procuratura de Lisboa é o reflexo de um intenso protocolo de escrita, comunicação e partilha de informação entre o Procurador das missões e as diferentes zonas de atuação da ordem. Exemplo deste regime de correspondência é o notável corpo documental das cartas escritas e endereçadas a Vallareggio que nos permitem lançar um estudo mais profundo sobre o seu *modus operandi*, comportamentos, mentalidades, medos e angústias. Perante os objetivos do congresso, esta proposta visa contextualizar a carreira de Vallareggio enquanto procurador, colocando em diálogo a típica “obediência” jesuíta que demonstra em relação à hierarquia da Companhia; as “virtudes” que procura adquirir e aprimorar para corresponder ao cargo que lhe foi ordenado; e, simultaneamente, salientar as manifestações recorrentes da “repugnância” que sente ao ocupar um ofício onde é obrigado a negociar, gerir financeiramente as missões e, em última instância, colocar em causa os seus princípios éticos e morais enquanto homem religioso.

Biographical Note / Nota biográfica: Licenciado em História e Mestre em História Moderna e dos Descobrimentos Portugueses (18 valores) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Atualmente é doutorando em História da Expansão Portuguesa na mesma instituição e é bolseiro de doutoramento FCT tendo como instituição de acolhimento o Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM). É Investigador Integrado não Doutorado do CHAM – Centro de Humanidades e Investigador Júnior do Projeto “COEXIST – Migrações forçadas no mundo Mediterrânico: identidades, confrontos e integração entre cristãos e muçulmanos”. Foi distinguido com o prémio de “Melhor Mestre em História 2022/2023” pela NOVA-FCSH.

The Fear that wasn't? Presence and Absence of Fear in the Japanese Catholic Communities of the Sixteenth and Seventeenth Centuries

Linda Zampol D'Ortia

Abstract / Resumo: Fear was not an emotion that early modern Jesuit missionaries were supposed to express in the reports that they sent to their headquarters in Lisbon and Rome. Reading their letters, documents, and histories against the grain, however, shows how fear was central to many of their evangelising activities in the Catholic communities they had founded in Japan, albeit it was rarely mentioned. This paper considers the strategies the Jesuits employed to refer indirectly to their own fear; how this emotion could jeopardise or sustain the mission depending on its origins; and finally, what approaches the missionaries used to assuage the fears expressed by the Japanese Christians and their impact on the long-term missionary method.

Biographical Note / Nota biográfica: Young Researcher fellow at Ca' Foscari, University of Venice, working on a project that identifies how emotional practices produced and justified new structures of power in early modern extra-European Catholic missions. Linda has recently finished her Marie Skłodowska-Curie Global Action at the same university, and has held research fellowships at Ruhr Universität Bochum, the National Library of Australia, and Giorgio Cini Foundation in Venice. Her research interests include Christianity in Japan, early modern Catholic missions, gender history, the history of Asia-Europe contacts, materiality, emotions, and failure studies. She is among the founding members of the network "MEEM – Mediterranean Emotions." She has recently published "A Failed Mission? Salvation in the Jesuit Mission in Japan under Francisco Cabral" with Ca' Foscari University Press and is co-editor of a special issue of the *Journal of Religious History* on "Gender and Emotions in premodern Japanese Christianity" (2025).

Emotions in Captivity: Franciscan Discourses of Resistance and Martyrdom in Seventeenth-Century Morocco

Miguel Soto Garrido

Abstract / Resumo: During the reign of Sultan Moulay Isma‘il (1672–1727), thousands of European Christians lived in captivity in cities such as Marrakech, Fez, and especially Meknès, often facing intense pressure to convert to Islam. In this context, Franciscan friars—either as captives themselves or as missionaries among captives—produced narratives recounting their experiences. These texts do not merely document suffering or miraculous events; they deploy a carefully constructed emotional language aimed at reinforcing religious identity and moving Christian audiences. Fear, anguish under torture, and hope in divine providence are presented as key forces to justify spiritual steadfastness and resistance to apostasy. This paper argues that these narratives sought to discourage conversion by offering moralizing examples of captives who remained faithful, even at the cost of their lives. While rooted in the specific context of early modern Morocco, these accounts resonate with a broader tradition of European captivity literature—especially French and Italian—and deserve to be considered within that transnational framework. By focusing on the emotional strategies deployed in these texts, the paper sheds light on how emotions functioned not only as a reflection of intercultural conflict, but also as active tools in the construction of religious discourse and frontier diplomacy in early modern Mediterranean worlds.

Biographical Note / Nota biográfica: Holds a PhD in Early Modern History from the University of Málaga and the Spanish National Research Council (CSIC), and an MA in Early Modern History from the Universidad Autónoma de Madrid. His research focuses on intercultural diplomacy in the Mediterranean, the role of religious minorities (such as Moriscos and Jews) in frontier societies, and the dynamics of slavery and captivity in the early modern western Mediterranean. His doctoral thesis examined the political and military role of the 7th Duke of Medina Sidonia in defending the Strait of Gibraltar, with particular attention to diplomatic relations with the Maghrib al-Aqṣā and the logistical organization of Spanish naval fleets. His work has been published in peer-reviewed journals, edited volumes, and collective books. He has pursued international research training in France (Sorbonne Université), Portugal (CHAM–Universidade Nova de Lisboa), and Italy (Medici Archive Project, Florence).

Entre a Troca e a Redenção: Emoções, Medos e Interculturalidade no Resgate de Cativos entre Portugal e Marrocos (1728–1729)

Edite Martins Alberto

Abstract / Resumo: A ascensão de Moulay Abdallah ao trono de Marrocos, em 1728, permitiu uma reconfiguração significativa das relações diplomáticas entre Portugal e o mundo islâmico magrebino, em particular no que respeita à delicada e emocionalmente carregada questão do resgate de cativos. Ao contrário das tentativas anteriores — fracassadas em 1689 e 1716, sob o reinado de Moulay Ismail —, o novo sultão propôs a libertação mútua de cativos: portugueses detidos em Marrocos em troca de muçulmanos detidos em Portugal, abandonando a prática tradicional do resgate mediante pagamento.

Esta proposta revelou-se altamente vantajosa para a Coroa portuguesa, ao permitir o regresso dos seus súbditos sem recorrer aos fundos do Cofre dos Cativos. Seguiu-se, então, um complexo processo de identificação, avaliação e recolha dos cativos muçulmanos dispersos pelo território português, quer em posse da Coroa, quer de particulares. Estes indivíduos, persistentes na fé islâmica, foram reunidos em Lisboa e enviados para Mazagão, onde ocorreu a troca.

Esta comunicação analisa o episódio à luz da documentação da Mesa da Consciência e Ordens e das crónicas da Ordem da Santíssima Trindade, centrando-se nos aspetos logísticos, simbólicos e emocionais do processo. Em pano de fundo, destaca-se o medo — da perda da fé, da humilhação, do desconhecido — como motor de resistência, de negociação e de representação do “outro”. Reflete-se, assim, sobre como este momento de diplomacia e intercâmbio entre universos religiosos e culturais distintos revela não apenas interesses e estratégias, mas também um património de medos, crenças e estereótipos que moldaram formas de coexistência e soluções concretas num quadro de alteridade.

Biographical Note / Nota biográfica: Doutorada em História Moderna (Universidade do Minho) e mestre em História dos Descobrimentos e História Moderna de Portugal (NOVA FCSH) com trabalhos sobre o resgate de cativos no Norte de África pela Ordem da Santíssima Trindade. Investigadora integrada do CHAM - Centro de Humanidades, unidade de investigação da NOVA FCSH e da Universidade dos Açores, desde 2012. Coordenadora e investigadora principal do projeto MOVING CITY - Cities made for war: a European army in late Sixteenth-Century Morocco (EXPL/HAR-HIS/1521/2021), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e coordenadora do projeto exploratório COEXIST – Migrações Forçadas no Mundo Mediterrâneo: identidades, contactos e integração de Cristãos e Muçulmanos, financiado CHAM, NOVA FCSH.

Exerce funções de investigação como técnica superior no Gabinete de Estudos Olisiponenses do Departamento de Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, onde tem desenvolvido trabalhos sobre a história de Lisboa nomeadamente sobre equipamentos e políticas de saúde e medidas de prevenção dos surtos pestíferos. É uma das coordenadoras do projeto *Hospital Real de Todos-os-Santos: A cidade e a saúde pública na Idade Moderna* (NOVA FCSH, CML) e do projeto *Lisboa 1524* organizado no âmbito das comemorações do 5.º centenário do nascimento de Luís de Camões.

Climate Change and the Flood Motif in ancient Southern Mesopotamia (4th – 3rd millennia BCE)

Jaime Silva

Abstract / Resumo: The Flood is a well-established and known motif in the sources that survived from ancient Mesopotamia. Famously known as the fear-inducing cosmic event that when unleashed destroyed humankind (and even caused terror on deities) the destructive nature of the Flood was also used in political discourses. In fact, in the Sumerian compositions known as “City Laments”, which seems to have had their apogee at the end of the 3rd millennium BCE the fall of urban potentates is frequently equated with the consequences of the diluvium destruction. Yet, in these same composition it is possible to discern the use of this motif to convey environmental changes and, naturally, the human fear of its consequences.

From an intertwined perspective that crisscrosses Studies of Religion and of Environment, I propose to explore how long-term climate alterations within Southern Mesopotamia can be rooted in the (re)use and the (re)elaboration on the symbolic significances of the Flood motif, during the 4th and 3rd millennia BCE.

To this purpose, I will combine the referred “City Laments” as well as other literary sources, with climate data, following an Environmental Humanities’ approach.

Biographical Note / Nota biográfica: PhD candidate at NOVA FCSH, specializing in Ancient History, looking to develop a thesis on the transversality of human aquatic symbols.

He has a MA in History- Civilizations of the Middle East and Ancient Asia, by NOVA FCSH, with a dissertation entitled *The aquatic environment of Lower Mesopotamia and its symbolic meanings (4th and 3rd millennia BC)*. His research interests are focused on human aquatic symbols and aquatic environments, through an interdisciplinary approach that intertwines History of Religions, Environmental History and Ancient History. The historical and biogeographic areas of his work are Ancient Western Asia and Mesoamerica. In 2021 he joined the 4-OCEANS: Human History of Marine Life Portuguese Team as a research assistant.

She who makes the Anuna tremble - on the fear that Inanna instilled in other deities in Sumerian poems

Isabel Gomes de Almeida

Abstract / Resumo: Throughout time, Inanna/Ištar was one of the most important deities in the ancient pantheons of western Asia, being the protagonist of multiple mythical narratives, as well as being the subject of various rituals and cultic acts. In the praise poems originally written in Sumerian it is interesting to verify how she was attributed with the ability to instill fear not only in humans, but also in her divine counterparts, even in those traditionally considered as senior/superior (Anuna).

If, on the one hand, the deep terror other deities felt of Inanna/Ištar's (re)actions emphasized her immense power; on the other, it also allows to identify a certain degree of fragility of the other divine figures. In fact, the anxious reactions of the deities described particularly in the compositions known as *Inanna B* and *Inanna C* – as trembling, hiding and/or bowing down on Inanna/Ištar's presence - even allow to foresee limits to their awesomeness.

With this paper I intend therefore to analyze the contexts in which Inanna/Ištar instils fear in her divine counterparts, further discussing the literary as well as the historical circumstances in which these poems were (re)elaborated. As such, I aim at contributing to detail the framework of this goddess's features, but also to add to the discussion and knowledge of the characteristics of the ancient Mesopotamian divine figures, as displayed in Sumerian praise poems. Ultimately, I intend to reflect on the motifs, elements and parallels with the fear felt by the producers of these traditions projected onto their deities, thus discussing the importance of this particular emotion in the religious sphere.

Biographical Note / Nota biográfica: Assistant Professor in the History department at NOVA FCSH, where she teaches courses and seminars about Ancient History. She is an integrated researcher at Centre for the Humanities, NOVA FCSH & UAc.

Her research is carried out from the perspective of the History of Religions, focusing mainly on ancient Western Asian contexts, seeking to reflect on the processes of construction of mythical-ritual discourses. She pays particular attention to the results that stem from negotiations, borrowings and syncretisms between different cultural traditions and religious systems.

Materialização de crenças em linguagem, rituais e representações

Joanna Popielska-Grzybowska
Sylvie Alves Castro

Abstract / Resumo: A cultura, espiritual e material, é a mais antiga e a melhor resposta humana ao eterno e abrangente medo da morte. Para evitar a morte, as pessoas tornaram-se criativas, fazendo arte com as suas mentes e mãos para se tornarem imortais através da linguagem (transmissão oral, literatura) e das imagens (arte rupestre, desenhos, pinturas, ornamentos).

A colaboração das autoras começou com um conjunto de conceitos centrais, como a identidade egípcia expressa através de noções incorporadas e perpetuadas em hieróglifos, sendo eles a forma visual da linguagem. Os hieróglifos e as ideias que encerravam foram utilizados pelos antigos egípcios para criar amuletos que os protegiam dos perigos, das agruras da vida e até da morte. O foco está nos seguintes signos: *netjer* (deus), *kheper/kheprer* (tornar-se existente), *seba* (estrela), *Atum* (deus criador) e as cores: *wadj* (verde), *khesebdj* (azul, lápis-lazúli), *shezmet* (malaquite), *mefkat* (turquesa), *desher* (vermelho), *hedj* (branco) and *kem* (preto). Serão abordados textos antigos que melhor ilustram a necessidade de proteção contra a morte e toda a conceitualização em rituais egípcios.

Os hieróglifos foram utilizados para criar obras de arte modernas, à semelhança da arte egípcia. Desde o início dos tempos e na atualidade, a arte protegeu-nos do olvido que tanto tememos. A contextualização conceptual de cada peça de arte é fornecida por uma egiptóloga (Joanna Popielska-Grzybowska) e pelas suas muitas décadas de experiência de trabalho com os Textos das Pirâmides – o mais antigo “livro” religioso egípcio. Enquanto o processo artístico é planeado por uma artista e académica (Sylvie Alves Castro).

As autoras pretendem demonstrar o papel dos hieróglifos como imagens icónicas incorporadas na religião egípcia e o fluxo transcultural de motivos decorativos e de proteção no trabalho de artistas desde a antiguidade egípcia até aos dias de hoje. A conferência será ilustrada com desenhos, pinturas e uma joia contemporânea.

Biographical Notes / Notas biográficas:

Joanna Popielska-Grzybowska é Professora Associada com agregação, egiptóloga, arqueóloga mediterrânica, professora da língua inglesa e membro do grupo de investigação Representações, Discursos, Materialidades e Usos do Passado do CHAM Centro de Humanidades, FCSH/NOVA-Ua, Portugal.

Distinguida como Senior Research Fellow da Ancient Egypt Foundation, Reino Unido. Formação: Universidade de Varsóvia na Polónia (Mestre em arqueologia 1997, doutorada em egiptologia 2007); licenciatura da língua inglesa 2010; diploma do Instituto de Pesquisa Literária da Academia Polaca das Ciências (2000).

Domínio de especialização: Egiptologia, filologia, linguística e antropologia da palavra. especialização na língua e na linguagem religiosas antigas no contexto cultural e social em comparação com as contemporâneas. Os seus interesses científicos e especialidades relacionam-se com os textos religiosos, em particular, os Textos das Pirâmides e os Textos dos Sarcófagos.

É autora de 3 livros: *Everything as One. A linguistic concept of the Egyptian Creator in the Pyramid Texts* (2020), *Teksty Piramid – najstarsza księga Egipcjan wykuta w kamieniu* (2021); *The Pyramid Texts. An in-depth introduction/ De Piramideteksten. Een diepgaande introductie, Mehen, Essays over het oude Egypte*, Den Haag (2025), capítulos em 30 monografias; 60 artigos científicos em inglês, polaco, português e italiano; editora de 25 livros.

Membro de (seleção): International Association of Egyptologists (desde 1998); Centro de Humanidades (antes: Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar), FCSH/NOVA-UAç (desde 2015; nomeada investigadora correspondente); Associação Polaca de Lusitanistas (desde 2018).

Dedica-se também à divulgação da arqueologia e egiptologia, fazendo as apresentações em diversas cidades polacas e em colaboração com a FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

Sylvie Castro é uma artista visual portuguesa, reconhecida internacionalmente pelo seu trabalho criativo na joalheria contemporânea e nas artes visuais.

Doutorada em Literaturas e Culturas Insulares, pela Universidade dos Açores, desenvolveu uma investigação interuniversitária com as universidades da Madeira e Córsega, do qual resultou uma coleção de joias, onde a identidade dinâmica, a

sustentabilidade cultural e o empoderamento das culturas periféricas foram a base do trabalho de tese. Desde cedo, Sylvie demonstrou talento para a expressão artística, destacando-se em exposições nacionais e internacionais. Além de designer, é também professora do Ensino Secundário nas Artes Visuais. O seu contributo na arte

contemporânea portuguesa é inegável, com diversas publicações que exploram a importância da preservação da cultura, identidade e património através do traje tradicional. Atualmente, divide o seu tempo entre o ensino e a criação artística, palestras em conferências e a orientação de jovens em contexto de estágio.

I Shall Seize His Neck Like a Bird's': Fears of Unwanted (Inter)Actions in Egyptian Tombs of the 3rd Millennium BCE

Inês Torres

Abstract / Resumo: In ancient Egypt, the concept of immortality was closely linked to the act of remembrance, which is a means to recall the past—whether real or imagined—enabling individuals to overcome death. Remembrance greatly relied on the actions of the living, who were expected to visit the tombs of the deceased and perform the necessary ritual actions to the eternal survival of the departed. As such, the tomb was the stage for many social (inter)actions, some of a more formal, ritual nature, others of a more informal (perhaps personal) kind.

However, not all actions performed within the tomb were considered appropriate or desirable by the tomb owner (or even by contemporary society at large). This is reflected on many funerary inscriptions present in Egyptian tombs of the 3rd millennium BCE. These inscriptions, frequently found by the tomb entrance, proffer warnings against possible wrongdoings given directly by the tomb owner to tomb visitors. The warning or threat is conditional—a potential consequence of undesired behavior(s) that may be enacted by these visitors. By listing unwanted behaviours, such inscriptions indicate which types of actions were feared by tomb owners within their funerary space, as well as setting the tone for social interactions between the dead and the living within the tomb.

This paper thus explores the tomb owner's fears and concerns in order to examine how the ancient Egyptians may have viewed and used tombs. It attempts to identify which types of interaction (between the deceased and the tomb visitors) took place within private (i.e. non-royal) funerary complexes while considering the diverse background of visitors and the uniqueness of their experiences of, and within, the tomb space.

Biographical Note / Nota biográfica: Postdoctoral research fellow at the Centre for the Humanities (CHAM) in NOVA University Lisbon and director of the Mastaba of Akhmerutnisut Documentation Project (MAD-P), Giza, Egypt. She earned her Ph.D. in Egyptology (Near Eastern Languages and Civilizations) from Harvard University in 2021. She also has an M.Phil. in Egyptology from the University of Oxford and a B.A. in Archaeology from the University of Lisbon. Her main research interests lie in the topics of memory and remembrance in ancient Egypt, emphasising the physical and visual aspects of the ancient Egyptian tomb as important mechanisms of persuasion in the production, construction, and negotiation of memory.

‘My heart is dark, I am destroyed, I am in chaos’: Visual and textual narratives of fear in ancient Lower Mesopotamia (3rd-2nd millennia BCE).

Vera Gonçalves

Abstract / Resumo: The studies in the field of emotions for historical individuals/communities encounter several challenges, namely the fragmentary state of the sources, especially in what concerns ancient contexts. Fear is, perhaps, one of the most recovering emotions since it is manifested in both individual afflictions and collective conflicts. Furthermore, when investigating human beings that can be define as “religious agents”, we must bear in mind that the fear provoked by human awareness of the transcendental entities’ existence marked their everyday experiences on multiple levels.

As for the communities of ancient Mesopotamia, the sources that survive until today comprise several visual and textual narratives that sought to express the human fear of deities, but also to appease that terror by maintaining a benevolent relationship with these figures. Inevitably, the chaos/order binomial, one of the key metaphysical concepts of the Mesopotamian religious thought diachronically, is included in many of these discourses. The fear of the return of chaos and the dread of divine abandonment are the most recurrent subjects.

For this paper will explore the so-called “City laments”, literary compositions focused on human and divine motives and reactions before the destruction/fall of important Mesopotamian southern cities, within the political contexts of late 3rd and early 2nd millennia BC. At the same time, I will also consider elements of material culture, namely cylinder seals and their visual contents, providing an intertwined analysis of different typology of sources. As such, I hope to contribute to the ongoing debate on the representations and materializations of fear, considering an ancient context in Western Asia.

Biographical Note / Nota biográfica: PhD candidate in Ancient History, with a scholarship granted by the Foundation for Science and Technology (FCT). She has a BA and a MA in Archaeology, and since 2020 she has been a research assistant in CHAM - Center for Humanities, NOVA FCSH & UAc. At present she integrates the research group “Environment, Interactions and Globalization” of this research unit.

Her PhD thesis aims at discussing the (re)construction processes of deities within institutional and personal levels of ancient Mesopotamian religiosity, by an intertwined analysis of textual, material and iconographic sources. Her fields of work are therefore Ancient Archaeology and Ancient History, also conveying the Studies of Religions’ framework. She has also been involved in multiple Portuguese as well as international archaeological campaigns, namely in Khor Kalba (Sharjah United Arab Emirates).

Lamaštu as an Embodiment of Fear in the Mesopotamian Ritual Tradition (2nd–1st Millennium BCE)

Ana Satiro

Abstract / Resumo: In ancient Mesopotamia, illness was often understood not merely as a physical ailment but as the manifestation of malevolent forces invading the body of the individual or threatening societal order. These forces were represented in various guises, including disease-bearing entities, restless spirits, or monstrous beings, all of which instilled deep fear within the population.

Among them, *daimōnes* were particularly feared—not merely as abstract threats, but as personalised embodiments of affliction and disorder. Believed to roam desolate wildernesses or emerge from the Netherworld, they inhabited the margins of both geography and cosmology, intensifying their menace in the collective imagination.

One of the most terrifying of these beings was Lamaštu, a female *daimōn* believed to prey on pregnant women and newborns, embodying the ever-present danger of maternal and infant mortality. The anxiety surrounding Lamaštu led to the formation of a complex and enduring ritual tradition developed by healing specialists over the millennia. These rites—ranging from incantations to protective amulets and figurines—extended beyond Mesopotamia to neighbouring regions, highlighting her widespread influence. While intended to expel or neutralize the threat posed by this *daimōn*, these rituals were far more than acts of banishment: they provided a structured means of confronting communal vulnerability, transforming fear into repeated, performative acts of defence.

This paper examines a selection of healing texts from the late 2nd and 1st millennia BCE, alongside apotropaic artefacts found in domestic contexts, to trace the ritual strategies used to counteract this *daimōn*. By analysing how these practices framed and responded to fear, this paper aims to demonstrate how Lamaštu became central to the Mesopotamian understanding of danger, shaping not only the healing practices but also broader religious and social responses to existential threats.

Biographical Note / Nota biográfica: PhD candidate in Ancient History at NOVA-FCSH, with a scholarship financed by the Foundation for Science and Technology (FCT), looking to develop a research project focusing on the processes of transfer and reception of Babylonian magical-medical knowledge in several Western Asian contexts, during the 14th and 13th centuries BCE. She is also an integrated researcher at CHAM- Centre for the Humanities, NOVA FCSH & UAc, being part of the research group 'Environment, Interactions and Globalization'.

Ana Satiro has a MA in History, specialization in Civilizations of Middle East and Ancient Asia, by School of Social Sciences and Humanities (FCSH) of NOVA University of Lisbon, with a dissertation entitled "Between Hattusa and Babylon: the circulation of magical- medicinal knowledge between the 14th and the 13th centuries BC."

Fear of the end in Mari? Protecting king and kingdom in 18th century BCE Mesopotamia

Maria de Fátima Rosa

Abstract / Resumo: Among the epistolary tablets recovered from the palace of Zimri-Lim, sovereign of the Syro- Mesopotamian kingdom of Mari during the 18th century BCE, are those with prophetic content. Dating back to the periods of greatest political tension, they offer a privileged insight into the fear of the capital's takeover, the fear of the fall of the dynasty and the loss of political independence. This fear is accompanied by a very typical phraseology, which expresses the way the elites of Mari envisioned power and its privileged relationship with the divine sphere.

In troubled times, the deities offered fundamental support for the maintenance of the kingdom and could even dictate the inviolability of its capital. The words of the gods often show the similarity between the destinies of the king, the city and the kingdom. To this trio we could add the fate of the divine assembly itself, since it maintained an intrinsic link with all its creation.

Thus, taking the epistolary correspondence of the so-called *Royal Archives of Mari* as a source of analysis, this brief presentation intends to explore how the end was perceived by the ancient Mesopotamians, more specifically the inhabitants of Mari, and how it was undoubtedly associated with the idea of the beginning.

Biographical Note / Nota biográfica: Assistant Professor of Ancient Near East at the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon and integrated researcher at Center for History of the University of Lisbon.

Her research focuses on two distinct aspects: the History of Ancient Mesopotamia, specifically with regard to the Amorite Kingdom of Mari and the language and perceptions of Time; the Reception of Ancient Mesopotamia in cinema and literature.

‘Lord of fear, with great terror’ — Conceptualising, materialising, and representing ‘fear’ in Egyptian New Kingdom Laudatory Texts (ca. 1539-1077 BCE)

Guilherme Borges Pires

Abstract / Resumo: Egyptian New Kingdom laudatory texts (ca. 1539-1077 BCE) offer a rich *locus* to investigate concepts surrounding the binomial “Creator/Creation”, as aimed by the doctoral research underpinning this paper. Therein, the Creator deity is portrayed as a multifaceted complex entity, who creates and superintends ceaselessly over every being. Among the several epithets employed to qualify the Creator in this textual *ensemble*, a few connect the deity to concepts of ‘fear’ and ‘terror’, with lexemes such as *snḏ(.t)* and *nrrw* being instrumental in such characterisation. Indeed, the Creator may be textually described as ‘causing fear (of himself) to his enemy’ (*rdj snḏ ḏ m ḥrw*; Louvre C 286, 10) or ‘Lord of fear, with great terror’ (*nb snḏ.t ʿ3 nrrw*; Cairo CG 58038, II.6). Despite such allusions to the Creator as fear-inspiring and fear-triggering, the praised deity is also occasionally depicted as the one who makes the worshipper ‘exist without fear’ (*dd(w) wn ʿj šw m nr(w)*; TT 11 (Solar Hymn), 2).

This paper will examine how ‘fear’ is conceptualised, materialised, and represented in the studied textual *corpus*. Considering the inherent communicational setting of a laudatory text - which refers to an asymmetrical communication between two ontologically different beings (i.e., the worshipped Creator and the (created) worshipper) - this epistemological exploration will endeavour to localise ‘fear’ in said textual sources and to contextualise its pertinence and instrumentality in characterising the Creator deity. Moreover, bearing the Creator’s fear-triggering yet also fear-preventing simultaneous dual nature, the implications of ‘awe’ and related concepts in interacting with the divine — and their consequences for the viability of truly accessing ‘belief’ vis-à-vis past agents — will also be considered.

Biographical Note / Nota biográfica: Holds a BA in History (2013) and an MA in Egyptology (2015) from NOVA FCSH. He is currently a PhD candidate researching the concepts of ‘Creator deity’ and ‘Creation’ in the laudatory texts of the Egyptian New Kingdom (ca. 1539-1077 BCE). In 2017, he was awarded an FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia) PhD scholarship, having attended seminars and continued his research at the EPHE (École Pratique des Hautes Études, Paris, France) in 2016 and 2017. He volunteered at the EES (Egypt Exploration Society, London, UK) between 2020 and 2023. He is a Researcher at CHAM – Centre for the Humanities (NOVA FCSH, Universidade dos Açores) and a member of the *RES Antiquitatis. Journal of Ancient History* editorial team. Since 2022, he has been a lecturer of the online Egyptological programs at the Universidad de Alcalá (Spain). He is a member of the *Mastaba of Akhmerunisut Documentation Project* (MAD-P), and co-founder and co- host of the podcast *Três Egíptólogos Entram num Bar*.

A materialização dos medos nos Caretos de Lazarim

Helena Maria de Resende

Abstract / Resumo: As manifestações culturais populares desempenham um papel fundamental na expressão simbólica dos medos coletivos e na regulação social das emoções. No contexto português, os Caretos de Lazarim, figuras típicas do Entrudo de Lazarim (Lamego), constituem um exemplo singular da materialização ritualizada do medo, da transgressão e da renovação social, numa celebração única que preserva tradições ancestrais e rituais pagãos.

Estes personagens mascarados percorrem as ruas da aldeia, apresentando trajes simples, sinos e máscaras de madeira, esculpidas à mão, feitas geralmente de amieiro, e que são o destaque do disfarce, representando feições demoníacas, animais ou caricaturais, sendo interpretadas como projeções simbólicas dos medos e tensões sociais da comunidade.

A performance dos Caretos possibilita a expressão, de forma lúdica e ritualizada de medos coletivos relacionados com o desconhecido, o grotesco, a morte ou a desordem que, sendo exteriorizados no espaço público, são exorcizados, assumindo uma dimensão ‘domesticada’, e ressignificados, permitindo à comunidade lidar com estes medos de uma forma coletiva e catártica. O imaginário popular cria, assim, uma ‘ferramenta’, ritualizada, para enfrentar o medo, de uma forma ruidosa, festiva e com recurso ao riso.

A dimensão cultural desta tradição popular portuguesa, cujas origens remontam ao período celta, associadas a rituais pagãos de renovação e de fertilidade, tem vindo a ser valorizada, do ponto de vista patrimonial e turístico, como exemplo de um Carnaval genuinamente português.

Biographical Note / Nota biográfica: Doutora em História, Investigadora Integrada do CHAM – Universidade Nova de Lisboa (Grupo de Investigação - Dinâmicas sociais, económicas e políticas).

Desenvolve investigação nas áreas da História Cultural e das Mentalidades (épocas moderna e contemporânea) e Expansão portuguesa (relacionada preferencialmente com a presença portuguesa no Japão), com participação em congressos, conferências e workshops; com publicações em obras conjuntas e revistas científicas, sendo, ainda, a autora do livro *América do Sul- Missões, Reduções e Bandeirantes* (2015, Leya).

Docente universitária durante mais de três décadas, em disciplinas relacionadas com a Expansão Portuguesa, Cultura Portuguesa, História Geral da Civilização e Ética.

Os missionários perdidos nas terras do Demo. A percepção do Diabo fora dos espaços da cristandade

João Paulo Oliveira e Costa

Abstract / Resumo: As cartas dos missionários, oriundas das mais desvairadas partes do mundo, têm vários tópicos em comum, ligados, naturalmente, aos modelos organizacionais e à visão cristã do mundo. Numa época em que os cristãos criam que não havia salvação fora da Igreja, tudo o que os rodeava, sobretudo assim que saiam dos limites do império, estava impregnado pela força do Demónio. Os obstáculos criados pelos governantes e pelos clérigos das outras religiões, as tentações da sensualidade e do conforto, as práticas civilizacionais incompreensíveis, mais os calores, as doenças, as forças da natureza e os animais estranhos, quase fantásticos, que podiam enfrentar a qualquer minuto, tudo gerava receio e um profundo sentimento de solidão e inquietude. Nesta comunicação irei mostrar exemplos desta insegurança, tantas vezes em forma de medo, que estruturou o quotidiano de centenas de missionários por todo o mundo.

Biographical Note / Nota biográfica: Historian and novelist. Professor of the Department of History since 1990 (PhD, 1998), where he teaches disciplines and seminars about Portuguese Overseas Expansion in Early Modern Age, the beginning of globalisation, history of Ancient Asia and Global History of the Humanity. Coordinator of the Unesco Chair "The Ocean's Heritage". Main specialisation in History of Portugal and the world in the 15th and 16th centuries, and History of religions and Ancient Asia civilisations. His MA and PhD dissertations were focused on the Portuguese presence in Japan and were complemented by studies on Portuguese nobility and the foundation of the Portuguese "Estado da Índia", and he coordinated FCT funded projects on these topics between 2000 and 2008. Then, the scope of his studies opened to a global view of the 15th and 16th centuries, and recently opened more the scope to the Deep History. He is author of Manuel I (2005) and Henry the navigator (2009) biographies and coordinated and co-authored the sole work that analyse in a sole volume the History of Portuguese Overseas Expansion from its beginning until the end of the 20th century (2014). He is also author of an historical essay of a single author on the History of Portugal (2022), a work which was awarded twice in 2023. He is author of eight historical novels.

Abstract / Resumo: Partindo dos trabalhos de outros historiadores da noite como Ekirch, Koslofsky, Palmer ou Cabantous, e de outros estudiosos da noite (vd. Night Matters—Why the Interdisciplinary Field of “Night Studies” Is Needed”, 2020) temos desenvolvido a nossa própria investigação sobre o caso português, especialmente no que diz respeito à história da noite de Lisboa desde o século XVIII ao XX e no cruzamento interdisciplinar que esta temática pode e deve ter.

Esta comunicação propõe uma exploração da dualidade da noite, enquanto espaço simultaneamente de ameaça e de sedução, com um foco particular na cidade de Lisboa e nas suas representações literárias e artísticas. Ao longo da História da Noite, a escuridão e o silêncio noturnos têm sido palco de medos primordiais, povoando o imaginário com perigos reais e sobrenaturais. A ausência da luz expõe a vulnerabilidade humana e catalisa ansiedades ancestrais. Contudo, a noite não se resume apenas ao medo, paradoxalmente também exerce uma poderosa sedução. É o tempo do descanso, do lazer, dos encontros furtivos e da transgressão. A mesma escuridão que esconde ameaças pode também ser um espaço de libertação das convenções diurnas. A comunicação explorará como esta ambivalência se manifesta nas representações literárias e artísticas, onde a beleza melancólica da noite e os seus prazeres ocultos coexistem com a sensação de perigo latente. Assim, esta apresentação pretende aprofundar a compreensão de como o medo da noite se articula com a especificidade do espaço urbano e com a evolução histórica das perceções sobre o período noturno. O objetivo é demonstrar como a paisagem noturna, longe de ser um cenário passivo, se torna um agente ativo nas narrativas, influenciando as emoções dos personagens e dos leitores, e revelando as complexas relações entre o ser humano, o espaço e o tempo.

Biographical Note / Nota biográfica: Doutorada em História Contemporânea (2016) com uma tese sobre a história da noite em Lisboa (séculos XVIII e XIX). Licenciada em Estudos Portugueses, tem uma pós-graduação em Estudos Brasileiros e Africanos e é mestre em Ciências da Cultura – Cultura Artística. Entre 2017 e 2020 foi bolseira de investigação do projecto “On Violence. Representações da violência nas literaturas africanas de língua portuguesa”(CLEPUL). Fez parte da equipa nuclear do projecto AFROLAB (CLEPUL, 2020-2024). É investigadora integrada e gestora de ciência no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa (IHC). Tem participado em encontros científicos e publicado, nacional e internacionalmente, artigos e capítulos sobre História da Noite, Literatura, Estudos Culturais e de Género. É membro da International Night Studies Network (INSN) desde a sua fundação.

Portugal, o país do medo? Representações da identidade nacional

Ana Cristina Correia Gil

Abstract / Resumo: Na obra *Portugal, Hoje: o Medo de Existir*, José Gil faz o diagnóstico de um país tolhido pelo receio de se afirmar, de se inscrever, “o país por excelência da não-inscrição” (2005, p. 43). Segundo Gil, este medo de viver, de intervir, de tomar decisões, radica em momentos-chave da memória coletiva nacional, que foram moldando de modo indelével o modo de ser dos portugueses, sendo que um desses momentos é o da repressão exercida pelo regime salazarista. Será relevante relembrar que um dos opositores ao regime, Humberto Delgado, foi designado precisamente como o “general sem medo”.

Partindo da reflexão de José Gil, esta comunicação analisa o modo como o medo é representado em algumas obras literárias portuguesas, remontando a Eça de Queirós e à personagem de Gonçalo Mendes Ramires, do romance *A ilustre casa de Ramires*, uma das representações literárias mais significativas do medo como característica da índole nacional. O enfoque da comunicação será, assim, o da análise da representação do medo enquanto eventual traço identitário do modo de ser português. A análise foca-se em alguma produção literária portuguesa contemporânea, na qual o medo surge associado à doença, ao envelhecimento, à morte, à guerra, à opressão, à intolerância, à mudança e à própria fragilidade da condição humana. É, de facto, significativo que algumas obras portuguesas contemporâneas – literárias e não literárias – tenham o medo como mote. Refira-se, a título de exemplo, *O medo* (1982), de José Martins Garcia, *O Medo* (1987), de Al Berto, *A viagem do medo maior* (1993), de Dias de Melo, *Geografia do medo* (1997), de Francisco Duarte Mangas, *Breves notas sobre o medo* (2007), de Gonçalo M. Tavares, *A Instalação do Medo* (2012), de Rui Zink, *Gramática do Medo* (2016), de Maria Manuel Viana e Patrícia Reis, entre outras.

Biographical Note / Nota biográfica: Professora Associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas) da Universidade dos Açores (UAç), investigadora integrada do CHAM e colaboradora do Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão.

Foi Presidente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UAç (2016-2021), diretora da Biblioteca, Arquivo e Museu desta universidade (2014-2017) e membro do Conselho Geral da UAç (2021-2025).

Dedica-se ao estudo da Cultura e Literatura Portuguesas, às questões de Identidade e aos Estudos Insulares. Publicou a obra *A identidade nacional na literatura portuguesa. De Fernão Lopes ao fim do século XIX* (2015, edição CHAM) e publica regularmente artigos e capítulos de livros. Tem participado em eventos científicos, em Portugal e no estrangeiro, com conferências e comunicações sobre as suas áreas de investigação, bem como sobre jornalismo.

Em 2014, ganhou o Prémio Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão com o ensaio «Diferentes perspetivas sobre a identidade nacional: o caso português».

POR ONDE DIABOS ANDA O DEMÓNIO? Uma Historiografia Visual do Medo

Teresa Lousa
José Eliézer Mikosz

Abstract / Resumo: A imagem do Diabo, tal como a conhecemos hoje, não resulta de uma única tradição ou mito, mas é fruto de uma complexa evolução cultural e religiosa. Este trabalho propõe uma síntese diacrónica da sua representação, com foco na tradição cristã, onde o medo foi utilizado como instrumento de controlo.

A análise basear-se-á numa metodologia iconográfica, centrada na identificação e interpretação dos atributos visuais que compõem a figura demoníaca: elementos como os chifres, asas de morcego, garras, cor negra ou vermelha, e a animalização do corpo, serão examinados enquanto signos visuais com raízes em mitologias pré-cristãs — como os deuses cornudos das religiões pagãs — e reelaborados no imaginário cristão como expressões do mal. Esta leitura será aprofundada através de uma interpretação iconológica, procurando compreender os significados simbólicos e ideológicos que essas imagens assumiram nos seus contextos históricos específicos, sobretudo em períodos de forte repressão religiosa, como o da Inquisição.

Serão discutidas representações clássicas do Diabo — como o Baphomet, a luta de São Miguel contra Satanás, o Juízo Final e cenas do Inferno — analisando-se como estas se adaptam aos discursos morais e políticos da Igreja. Especial atenção será dada a representações em que o Diabo assume corpo de mulher ou do corpo do “outro”, como o indígena, evidenciando a associação entre a alteridade — de género e cultural — e o mal absoluto.

A iconografia da tentação e do Inferno será igualmente abordada como expressão da queda espiritual e da corrupção da alma, bem como instrumento de reforço do dogma. Por fim, estudar-se-á a reapropriação de símbolos oriundos das tradições rurais e pagãs da Península Ibérica — como ritos agrários e lendas de bruxaria — convertidos em imagens demonizadas, numa clara tensão entre a cultura popular e o aparato repressivo eclesiástico, contribuindo para a manutenção da obediência religiosa através da produção do medo e da exclusão do que se desvia da norma.

Biographical Notes / Notas biográficas:

Teresa Lousa é doutorada em Belas-Artes pela FBAUL (2013). Atualmente, integra o grupo Arte, História e Património como investigadora do CHAM. Neste centro de investigação foi coordenadora do Grupo Ibero-Americano (2020-2022) e coordena o seminário permanente “Modos da Melancolia” com o colega Adelino Cardoso. É Professora Auxiliar do grupo de Ciências da Arte e do Património na FBAUL desde 2009, onde leciona História da Arte, Temas da Arte, Teorias da Pintura e nos últimos anos tem-se especializado em pesquisa artística, tendo à sua responsabilidade a cadeira de Metodologias de Investigação aos diferentes Mestrados da FBAUL. Nesta instituição tem orientado teses em várias áreas artísticas, como o Desenho, a Pintura, a Escultura e a Arte e Multimédia, com ênfase nas Ciências da Arte e do Património e na Educação Artística. É Coeditora da Revista Indexada Art&Sensorium – UNESPAR. Tem apresentado Comunicações em Congressos a nível nacional e internacional em diversas cidades. Publica regularmente artigos em revistas indexadas e Open Access com temas de investigação que exploram as relações entre Arte, Imaginários, Melancolia, Morte, Género, Antropoceno, Ecofeminismo e Arteterapia. Ciência ID 131A-6DEB-7A30. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6574-6901>

José Eliézer Mikosz Artista transmídia, professor e pesquisador. Está correntemente a realizar uma Pesquisa Artística (Sabática) que envolve a coleção de ídolos femininos do calcolítico do Museu Arqueológico do Carmo e a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Pós-doutoramento no CHAM no subgrupo Arte, História e Patrimônio, com o tema em Representações de Arte e Erotismo inspirados na Contracultura Psicodélica dos anos 1960 na universidade NOVA de Lisboa, 2024. Pós-doutoramento em Ciências da Arte e do Patrimônio com o tema Arte Visionária e Psicodélica na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), 2018. Doutorado pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH-UFSC), 2009. Professor Associado da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) e Editor Gerente da Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais – Art&Sensorium. Professor nos Programas de Mestrados da Unespar PPGAV e PPGARTES. Integra o grupo Arte, História e Patrimônio como investigador do CHAM (Centro de Humanidades da Universidade NOVA de Lisboa e é membro do Centro de Investigação em Belas Artes da Universidade de Lisboa (CIEBA-FBAUL). Ciência ID: 891A-1CF5-ABD6. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5314-0758>

O medo de dragões no romance grego medieval

Rui Carlos Fonseca

Abstract / Resumo: O dragão está presente em várias tradições míticas da Antiguidade. Geralmente, assume a forma de uma serpente gigantesca, que a todos aterroriza. Entre várias funções, o dragão é o guardião de um tesouro precioso, destruidor de reinos e raptor de uma princesa. É, invariavelmente, a personificação do mal e acaba por ser morto pelo herói. Nesta comunicação, pretendo analisar a presença dos dragões no romance bizantino *Calímaco e Crisóroo*, as funções que desempenham na narrativa e o medo que inspiram. Neste romance de inícios do século XIV, o castelo dourado mostra uma beleza aterradora: as suas muralhas refulgentes são protegidas por um exército de dragões assustadores que nunca dormem. À vista destes guardas monstruosos, todos os forasteiros se põem em fuga atemorizados. Calímaco, mais destemido, consegue escapar à vigília destes guardas e matar o senhor do castelo, um dragão antropófago, de força insaciável e fúria impiedosa. A morte do dragão não só representa a consumação heróica do protagonista, como também inicia a história amorosa entre Calímaco e a princesa cativa. Calímaco destrói também o dragão criado pelas artes mágicas de uma velha bruxa, cuja intenção era atrair o herói para fora da fortaleza inacessível. Cada dragão apresenta características diferentes: os guardas das muralhas destacam-se pela vigília insone; o dragão do castelo, pelo apetite voraz; o dragão da bruxa, pelos silvos lancinantes. Todos eles são monstros terríveis que causam pavor. Por medo do dragão e do perigo que representam, umas personagens não se aventuram no castelo maravilhoso, outras recorrem a artifícios mágicos, outras ainda consentem no casamento da filha para salvação do reino.

Biographical Notes / Nota biográfica: Professor Auxiliar Convidado na Universidade da Madeira e investigador no Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Concluiu o doutoramento em 2013 na área dos Estudos Clássicos. Entre 2015 e 2021, desenvolveu um projecto de pós-doutoramento da FCT sobre romance bizantino. É um dos organizadores do ciclo de conferências e da colecção de ensaios *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura*, e membro da comissão editorial da *Dedalus: Revista Portuguesa de Literatura Comparada*. Entre outras publicações, é autor de *Epopéia e Paródia na Literatura Grega Antiga* (Húmus, 2018). Os seus principais interesses de investigação incluem: poesia homérica, romance bizantino e estudos de recepção.

Medo, Receio e outras Emoções nas Práticas Supersticiosas no Arquipélago da Madeira (século XVII)

Bruno Abreu Costa

Abstract / Resumo: Perante as dificuldades no acesso às emoções em séculos passados, o investigador necessita de se socorrer de descrições de ações que sirvam de indícios para os estados mentais dos indivíduos que as executaram. Assim, aceder ao medo implica procurar atos nos quais se relata situações de relutância, apreensão e receio; atos de um certo secretismo, decorrentes do medo de se ser descoberto, encarcerado, julgado e condenado. Para essas investigações, os processos do Tribunal do Santo Ofício português contêm um excelente manancial informativo – apesar de somente representarem uma parcela populacional, associada à tipologia criminal sob a sua jurisdição –, pois facilmente registam receios: de ser denunciado, do secretismo do processo, do cárcere inquisitorial (longe dos familiares, no caso dos provenientes dos arquipélagos atlânticos), da possibilidade de tortura e das pesadas penas com que poderiam ser condenados (dada a exiguidade de absolvições completas). Por isso, a Inquisição, alicerçada numa forte ritualização das suas práticas, foi origem de muitos medos.

A comunicação proposta pretende demonstrar como se poderá de aceder a essas emoções – e com que constrangimentos – através da análise das práticas supersticiosas relatadas a Francisco Cardoso do Tornéo, durante a visita inquisitorial ao arquipélago da Madeira, em 1618. O visitador recolheu 25 denúncias e duas confissões (todas de/ou relativas a mulheres) que permitem conhecer estas práticas no arquipélago madeirense, durante os séculos XVI e XVII. Numa parte introdutória, o foco incidirá nesses atos, descrevendo e contextualizando práticas de adivinhação e de “inclinação de vontades”. Posteriormente, abordar-se-á o medo associado às práticas de feitiçaria, através de dois vetores de análise: 1) o receio das feitiçadeiras, que praticavam as suas artes no maior secretismo, na calada da noite; e 2) o receio das clientes que, apesar de solicitarem os favores das primeiras, receavam os atos, os “poderes” invocados e as consequências da sua associação. Conta-se, assim, questionar e responder se é possível aceder e analisar emoções através do estudo de documentação inquisitorial, mormente aquelas intuídas com base em relatos de práticas supersticiosas.

Biographical Notes / Nota biográfica: Técnico Superior na Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro, na direção de serviços do Centro de estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira. Licenciado em História (2011) e mestre em História – Sociedades, Políticas e Religiões pela Universidade de Coimbra (2013). Doutorando em Ilhas Atlânticas: História, Património e Quadro Jurídico Institucional, pela Universidade da Madeira. É autor de diversos estudos sobre o clero, a Igreja e a religiosidade no arquipélago madeirense, durante os séculos XV a XVIII, e colaborador do Centro de História da Sociedade e da Cultura (Universidade de Coimbra) e do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias – Universidade da Madeira.

Pesadelo da “mão furada”: Variantes Ibéricas entre os séculos XVII e XX - do sonho tenebroso à superstição

Assunção Melo

Abstract / Resumo: Nesta apresentação propomo-nos analisar um medo específico relacionado com um determinado tipo de pesadelo — o da “mão furada” —, explorando as múltiplas interpretações, superstições, orações, crenças e narrativas populares a ele associadas. A nossa abordagem assenta numa metodologia de análise comparativa de fontes orais e escritas, com base em estudos etnográficos e folclóricos, particularmente centrados na Península Ibérica, com especial incidência em Portugal (continental e insular), entre os séculos XVII e XX.

Este pesadelo, que surge sob diversas variantes regionais, será estudado através da recolha e cruzamento de fontes, como contos populares compilados por José Leite de Vasconcelos, bem como de orações tradicionais e relatos orais transmitidos ao longo de gerações. Através destas fontes, é possível identificar a figura da “mão furada” como um elemento simbólico recorrente, cuja interpretação oscila entre a representação da frustração espiritual — quando as preces não são ouvidas — e uma metáfora do pecado ou da tentação demoníaca.

Deste modo, propomos uma leitura simbólica e religiosa do fenómeno, interpretando o pesadelo como um reflexo das inquietações espirituais das comunidades que o narraram. As versões mais conhecidas remetem para entidades como o “diabinho da mão furada”, mencionado por Leite de Vasconcelos em recolhas datadas do século XVII, ou ainda para o “fradinho da mão furada”, expressão amplamente disseminada pelo território nacional.

O elemento comum — a “mão furada” — emerge como uma figura dual: por um lado, sinal de penúria e perda; por outro, símbolo de luxúria, desperdício e ligação às tentações infernais. Esta dualidade é ainda explorada em narrativas associadas a figuras femininas como a “velha das botas” e a “velha das abóboras”, que representam transposições demoníacas dissimuladas, frequentes no imaginário popular português.

Neste contexto, destaca-se a função apotropaica das orações populares, que surgem como mecanismo de proteção contra estes pesadelos e entidades assustadoras. A coexistência entre a crença no mal e a prática de oração revela um universo simbólico profundamente enraizado na religiosidade popular ibérica.

Concluimos, assim, que o pesadelo da “mão furada” é um fenómeno cultural complexo, com raízes profundas na tradição oral e religiosa da Península Ibérica, cuja análise permite compreender as dinâmicas do medo, da fé e da imaginação coletiva ao longo dos séculos.

Biographical Note / Nota biográfica: Doutorada em História da Arte pelo Centro de Formação Avançada da Universidade de Évora, Pós-Graduada em História da Arte Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Licenciada em História da Arte pela mesma faculdade, membro integrado do CHAM – Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa, e também participa em outros centros de investigação como o CHAIA da Universidade de Évora e o CICS. NOVA. UAç. É sócia efetiva do Instituto Histórico da Ilha Terceira e desde março de 2024 faz parte da mesa administrativa como tesoureira. Desde o ano de 2017 é assistente convidada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, lecionando no Pólo de Angra do Heroísmo a disciplina de História da Arte e do Património Construído I e II, do curso de licenciatura de Natureza e Património. Autora de sete livros e mais de trinta artigos relacionados com a História da Arte e com o Património dos Açores, autora de palestras e conferências relacionadas com a sua área académica. Em 2024 recebeu o Prémio EMEL (história dos percursos, caminhos e mobilidade) da Academia Portuguesa de História com o livro “Altars da Memória – o advento das micro-histórias na periferia das periferias”.

Simbologias do medo: A cobra que voa em “O Dia dos Prodígios”, de Lídia Jorge

Conceição Brandão

Abstract / Resumo: A “cobra que voa” é a extraordinária metáfora de *O Dia dos Prodígios* que causa espanto e medo em Vilamaninhos, lugar enclausurado dentro da sua própria imobilidade, que recebe, também, a notícia do golpe de 25 de abril como um segundo milagre, uma cura para muitos males que põe os cegos a ver e os estropeados a andar. Com esta metáfora, Lídia Jorge inaugurava a sua vida literária há quatro décadas atrás. É esse “voo da cobra” sobre o imaginário de um povo encolhido, ensonado pela ditadura e pacificado no seu *não saber ser de outra maneira*, que dá notícias desse Portugal retraído, sumido dentro da sua própria ignorância.

«[...]A cobra fez duas roscas à volta da cana, saiu dela, e voando por cima dos nossos chapéus e dos nossos lenços, desapareceu no ar. Voou no ar. No ar como se fosse uma avezinha de pena» (Jorge, 1980: 21-23).

Colocando em evidência a dimensão mítico-metafórica na representação da realidade e a naturalização do insólito, Lídia Jorge recorre a uma estratégia clara ao enunciar este universo estagnado, atmosfera verdadeiramente singular, atribui-lhes a duplicidade da representação do real intermediada pelo sobrenatural (em particular no destaque dado à cobra que voa) – o que permite a deslocação deste universo para um contexto mágico, dominado pelo medo e pela superstição.

Deste modo, a história do romance aparece ancorada na transfiguração do mundo rural – o sul de Portugal, do qual nos apercebemos por algumas referências textuais, mas particularmente, o mundo rural e arcaico metamorfoseado, transfigurado – a realidade na sua máxima irrealidade.

Biographical Note / Nota biográfica: Doutorada em Literatura Portuguesa pela Universidade Católica Portuguesa e Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas pela Universidade de Aveiro, tendo centrado o seu trabalho de dissertação na obra de Lídia Jorge. Foi investigadora do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos em Literatura portuguesa na universidade onde se doutorou. É atualmente membro integrado do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP).

Publicou o livro *Formas de Silêncio* em “Combateremos a Sombra” de Lídia Jorge (2014), o livro de poesia *Morrer na Luz* (2016), prefaciado por Lídia Jorge, o conto «Imaginemos um Reino» (selecionado para uma antologia de contos infanto-juvenis – *Phantasía*) e, recentemente, participou na antologia *São Cravos, 50 anos de Abril, 100 poemas*, com o poema “Abril”, a convite de Luís Aguiar.

Tem participado em Colóquios Internacionais, de que resultaram diversas publicações no estrangeiro. Em 2020 participou no Colóquio em homenagem à escritora de *O Dia dos Prodígios*, a propósito dos quarenta anos da publicação desse romance, na Biblioteca Nacional de Lisboa. Publicou, neste mesmo ano, um artigo na *Colóquio Letras*, «Diante da manta do soldado: tempo, memória e transmutação lírica na obra de Lídia Jorge».

Tem vários artigos publicados em revistas (*Colóquio/Letras*, *Jornal de Letras Artes e Ideias*, *Cintilações*) e outras publicações colectivas, nacionais e estrangeiras, de que se salienta a publicação em *The Power of the Image in the Work of Lídia Jorge*, Peter Lang, Oxford, United Kingdom (2023) e o artigo “Lídia Jorge, Misericórdia: O Magma poético” no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº1386, Ano XLIII.

O Divino Feminino Online: Mitos, Ansiedade e a Mitopoética da Subjetividade Digital

Ana Cláudia Barbosa

Abstract / Resumo: Esta comunicação, enquadrada numa investigação doutoral em filosofia feminista contemporânea, visa interrogar a proliferação de representações do feminino divinizado em plataformas digitais como TikTok e Instagram. Quais imaginários simbólicos estão em jogo? Estaríamos perante subversões de estereótipos ou a sua reinscrição sob novas formas estéticas e afetivas?

Partindo do diagnóstico de Laila van Berge (2023) sobre a reinscrição de estereótipos ancestrais e a sua monetização nas tendências #darkfemininity e #divinefemininity, esta proposta propõe um desvio crítico. Em vez de nos determos na lógica da captura neoliberal, já amplamente mapeada por autoras como Rosalind Gill (2007) e Angela McRobbie (2009), esta investigação interroga o recurso insistente a imagens de dor, luto e perda num espaço digital dominado por uma economia de positividade, conforme conceptualizado por Byung-Chul Han (2015).

Para tal, introduz-se o conceito de mitopoética digital, compreendido como um processo em que sujeitos, sobretudo mulheres, constroem narrativas de si mobilizando elementos mitológicos dentro de uma gramática digital, entrelaçando imaginário religioso, mito, corpo e tecnologia. Esta abordagem visa compreender como estas práticas produzem narrativas simbólicas que atualizam estruturas arquetípicas – como culpa, castigo, expiação ou transfiguração – sob a forma de performances, filtros e som, e o que revelam sobre o mal-estar contemporâneo, a procura de sentido e a resistência à imposição da positividade.

A metodologia assenta numa análise filosófica e hermenêutica das performances visuais e textuais associadas a estes arquétipos em plataformas como TikTok e Instagram, recorrendo à fenomenologia digital e à crítica da subjetividade na era algorítmica. Serão explorados exemplos performativos de figuras como Medusa (resignificada como resistência à cultura da violação e potência), Ariadne (metáfora da dor relacional e da reconstrução identitária), Afrodite (erotismo ativo e agência) e Pandora (revelação e libertação emocional), demonstrando como estas "liturgias digitais" operam como práticas de sobrevivência simbólica. A análise será enquadrada por três eixos conceptuais: *mythos* como narração relacional (identidade construída na relação com o outro, humano e algorítmico, Cavarero, 2000), *poiesis* como criação híbrida (produção de identidade em coautoria entre agência humana e estrutura técnica da plataforma), e o digital como condição ontológica (não apenas meio, mas mediador e moldador do modo de ser contemporâneo).

Em síntese, esta investigação propõe uma leitura filosófica que transcende a dicotomia emancipação/reprodução de estereótipos, interpretando estas práticas como manifestações de uma crise mais profunda na constituição da subjetividade contemporânea e um campo de disputa simbólica. Ao examinar a intersecção entre mitos antigos, media digital e ansiedades contemporâneas, a pesquisa oferece *insights* sobre a natureza evolutiva dos sistemas de crenças e suas representações, abordando como a incerteza e os perigos do mundo moderno contribuem para o ressurgimento do interesse por figuras espirituais antigas, refletindo uma busca cultural por significado e consolo.

Biographical Note / Nota biográfica: Licenciada em Estudos Portugueses e Lusófonos e encontra-se a concluir o mestrado em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde também iniciou o seu doutoramento na mesma área.

Com um percurso académico orientado pela Filosofia Feminista e os Estudos de Género, tem vindo a aprofundar questões relacionadas com estas áreas, que permanecem o seu foco principal de investigação e produção académica.

Ana participou em diversos colóquios e congressos, nos quais apresentou comunicações que refletem a sua dedicação e contributo para a discussão crítica e interdisciplinar nestes campos de estudo.

Tiamat-Tehom-Leviatã, ‘sentimento oceânico’ e os microplásticos: O medo, a perda-do-medo e a fadiga-do-medo ao longo das Idades do Oceano.

Ricardo Serrão Santos

Abstract / Resumo: O mar foi temido durante milénios. A Antiguidade e a Idade Média projetaram sobre ele tudo o que perturbava a ordem humana — o caos anterior à criação, os castigos coletivos, o naufrágio dos corpos e das almas. Nesse tempo, o medo era a gramática simbólica do oceano. Temia-se o mar como se teme o pecado, o inferno ou a desintegração do mundo.

Mas esse medo desvaneceu-se. A partir do Renascimento, as águas do abismo deram lugar ao “oceano-mar” — navegável, cartografável, conquistável. A era moderna já não teme o oceano: deseja-o, ocupa-o, industrializa-o. Substitui o tremor reverente pela posse imperial e depois pela extração contínua. O medo cede o lugar à confiança. À tecnociência. À fantasia de inesgotabilidade. A Segunda Idade do Oceano é a idade da perda do medo.

E é precisamente essa perda que abre caminho a um novo tipo de pavor: o medo não do mar como força indomável, mas do mar como corpo ferido. A Terceira Idade, que hoje atravessamos, é marcada pelo regresso do medo sob outra forma — não mitológica, mas estatística; não religiosa, mas climática; não escatológica, mas ontológica. Tememos não o Leviatã, mas o aquecimento acumulado, a extinção marinha, a acidificação, a elevação do nível do mar, os micro e os nanoplásticos. E esse medo, que reaparece como lucidez, já não é um obstáculo ao saber — é talvez o seu próprio motor.

Nesta palestra, proponho visitar essa longa oscilação do medo oceânico. O que se teme, em cada época? O que se perde quando se perde o medo? E que papel pode ainda ter o medo na nossa relação futura com o mar?

Biographical Note / Nota biográfica: Doutorado em Biologia Ambiental e Evolutiva pela Universidade de Liverpool e Cientista Honorário Principal no Instituto OKEANOS da Universidade dos Açores. Foi Ministro do Mar no XXII Governo de Portugal (2019–2022) e Deputado ao Parlamento Europeu (2014–2019). Na Universidade dos Açores, desempenhou funções como Pró-Reitor, Diretor do Departamento de Oceanografia e Pescas (1997–2011) e Presidente do IMAR – Instituto do Mar (2006–2014). Foi Presidente do EuroOcean, vice-presidente do European Marine Board, vice-presidente do Conselho Científico do Instituto Oceanográfico de Paris.

É especialista em biodiversidade marinha e ecossistemas oceânicos, com mais de 400 publicações, incluindo mais de 230 artigos científicos indexados [Índice-H *Scopus*: 52]. Orientou cerca de 25 doutoramentos e 23 pós-doutoramentos. Participou em vários comités científicos nacionais e internacionais, foi coordenador do painel de Ciências do Mar da FCT e delegado nacional junto do ESFRI e da Comissão Europeia em matéria de infraestruturas científicas.

Tem vasta experiência em projetos científicos nacionais, europeus e internacionais, bem como em campanhas oceanográficas, incluindo operações com submersíveis tripulados e ROVs. Entre 2018 e 2020, integrou o grupo de planeamento executivo da Década das Ciências Oceânicas para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

É atualmente membro do *Comité d’Éthique en Commun* [INRAE-Cirad-Ifremer-IRD/ Paris] e co-presidente do *Comité Científico da Global Deep Sea Consultation* no âmbito do *International Panel on Ocean Sustainability* (IPOS). É Membro Efetivo da Academia das Ciências de Lisboa, Membro Emérito da Academia da Marinha e sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Os Faróis. Continuidades e contiguidades religiosas – entre o humano e o espiritual

Maria Teresa Conceição Costa

Abstract / Resumo: As percepções do mar – como elemento benéfico e fonte de riqueza, ou como espaço temível, pejado de perigos – foram sujeitas a transformações, em particular no período da transição da Idade Média para a Moderna, que coincidiu, no caso português, com a época da expansão marítima. (Lopes, 2009; Steinberg, 2001) Na cartografia, era frequente a representação de seres marinhos ameaçadores, que constituíam a versão iconográfica de perigos quer reais, quer incrementados pela imaginação e pelo desconhecimento científico. Deste modo, “[...] no final da Idade Média, uma das principais necessidades dos marítimos era prevenir-se contra o mar, garantindo a protecção divina para uma travessia oceânica segura. Para tal faziam recurso de tudo o que o seu imaginário (ele próprio criador e intensificador do medo mar) podia desenvolver [...]” (Lopes, 2009: 270) Com efeito, nas grandes viagens oceânicas, como na navegação costeira, ante a precaridade da vida e a mais do que constante iminência da morte, só a intercessão divina podia garantir a salvação perante o perigo das tormentas marítimas e dos naufrágios. O maravilhoso e o divino eram indissociáveis do quotidiano. Não é, pois, de estranhar que o universo marítimo de então se encontrasse pejado de um panteão de deidades. Por isso, os elementos coadjuvantes da salvação podiam ser investidos com poderes sobrenaturais. Foi esse o caso dos faróis que se viram investidos como manifestações benfazejas do humano e também do divino. Ora, é nesta leitura espiritual dos faróis que recairá o foco da minha comunicação, não obliterando, porém, a apresentação destas estruturas de assinalamento marítimo na sua vertente material e funcional.

Biographical Note / Nota biográfica: Professora-adjunta da ESHTe - Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (Estoril, Portugal), doutorada em Estudos de Cultura (Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal), mestre em Estudos Americanos - Literatura (Universidade Aberta, Lisboa, Portugal), e licenciada em Estudos de Línguas e Literaturas Modernas (Inglês/Alemão) (Universidade de Lisboa – FLUL, Lisboa, Portugal). Os seus interesses de investigação abrangem a Cultura (muito em particular a Cultura Visual), a Literatura (em particular as abordagens intersemióticas à literatura e à pintura/imagem, como a ekphrasis) e o Património. A sua investigação mais recente, que conduziu ao doutoramento, centra-se numa coleção de bilhetes-postais ilustrados, que foi paulatinamente adquirida ao longo de mais de dez anos, com imagens dos faróis de Portugal continental. Foi a partir desta coleção que surgiu a sua investigação sobre os faróis, no que têm de realidade histórico-cultural nacional e no que aponta para uma dimensão universal.

Engraved on Stone: Evidence of Fear in Early Modern Italy through Prison Graffiti and Judicial Inscriptions

Marco Albertoni

Abstract / Resumo: This report examines evidence from the Italian peninsula in the Early Modern Era (15th–19th centuries) related to fear engraved in stone. It considers historical sources found not in archives, but on exposed surfaces, inscribed there to be visible to posterity. Despite this, they still represent neglected evidence for the Early Modern Period. Although both stem from the history of justice, the perspectives considered here originate from opposite backgrounds, making their comparison particularly interesting. On the one hand, there is the prisoners' graffiti inside their cells, which can be considered spontaneous inscriptions transmitting the fear felt during the prison experience. This fear, mixed with suffering, often appears expressed directly in words or through unambiguous drawings, and was fuelled either by anxiety about the sentence (many prisoners of the early modern era were not serving a punishment but were awaiting trial), or by waiting for an atrocious death. On the other hand, there are inscriptions commissioned by the judicial authorities; these were not spontaneous like graffiti but designed and ordered to instil fear. In several cases, this intent is explicitly stated in the inscriptions; in others, intimidation is conveyed through other communicative forms (symbolic, figurative, spatial). Lastly, it is argued that the fear the authorities wanted to instil reflected the fear that the authorities themselves felt: that of being subverted or dismissed. Examples will be drawn mainly from the prisons of the Spanish Inquisition in Palermo, the criminal prisons of Melpignano (Lecce), those in the Caetani castle in Sermoneta, and the prisons of the Doge's Palace in Venice. For the inscriptions of justice, the main examples will be taken from Venice, Genoa, Milan, Naples.

Biographical Note / Nota biográfica: Historian of the early modern period, having obtained his PhD in "History of Europe" from Sapienza University of Rome in 2014. Over the last ten years, he has held various post-doctoral and visiting positions and received research grants in Italy and abroad, including at: University of Bologna; LUISS "Guido Carli" University (Rome); University of Urbino "Carlo Bo"; Goethe University and Max Planck Institut für Rechtsgeschichte und Rechtsstheorie (Frankfurt am Main); Istituto Storico Italiano per l'Età moderna e contemporanea; Deutsche Historische Institut in Rom.

Since May 2023, he has been a research fellow at the "G. D'Annunzio" University of Chieti-Pescara as part of the project "Screnim: The Dream of Freedom. Writing in confinement in Early Modern Italy (15th–19th c.)". This project focuses on a comprehensive census, study, and valorization of early modern prison graffiti in Italy as a historical source.

Albertoni is also a member of various national and international research groups and has participated in numerous international conferences, including *Inquire*; *Sacrifiles*; *Screnim*.

The paper he is proposing here stems from a dual work experience involving research, conferences, and publications on two contrasting aspects of the history of justice in the early modern period: on the one hand, columns of infamy and defamatory plaques as tools for communicating sentences projected through time; on the other hand, prison graffiti in Italy as testimonies of the condemned, similarly projected through time.

No fim do(s) tempo(s): O discurso escatológico dos Novíssimos do Homem, entre a obra do Pe. Manuel Bernardes e o ciclo pictórico setecentista da Igreja de São Tomé de Bitarães.

Maria do Carmo Raminhas Mendes

Abstract / Resumo: A Idade Moderna foi profusa na produção de literatura ascético-escatológica. Tempos de uma *ars moriendi*, dominados pela percepção de uma carnalidade mortal e de uma alma eterna. A esta, estavam-lhe inexoravelmente destinados os dois fins últimos – o Paraíso ou o Inferno –, totalmente dependentes da conduta da vida, consciente da inevitabilidade da morte.

Com a chegada da morte, finda o tempo de merecer ou desmerecer e a possibilidade de conversão: uma fatalidade que conduziu a que considerável número de religiosos e teólogos exortassem, nos seus escritos, à purgativa *meditatio mortis* pelo crente obrigado a enfrentar sozinho este fim último, com o derradeiro objectivo na salvação eterna. Existem várias referências aos Novíssimos do Homem na Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, e foi nestas que autores do período moderno fundamentaram uma série de exercícios espirituais, moldados pela imaginação individual e pela memória colectiva, e pautados pelo medo visceral da sentença infernal.

Um dos autores portugueses que se destacou, nestes tempos, por uma profunda meditação sobre os fins últimos foi o Pe. Manuel Bernardes, da Congregação do Oratório. As suas duas obras, *Exercícios Espirituais e meditações da via purgativa: sobre a malícia do pecado, vaidades do mundo, misérias da vida humana e quatro novíssimos do homem* (1686) e *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus* (1708) foram, nesta temática, referências no contexto religioso da época: a primeira, composta por dois volumes, é um diálogo com a alma do leitor, cuja imaginação é conduzida por *palavras visuais* que o alertam constantemente para a presença do pecado e iminência da condenação eterna. São essas *palavras visuais* que constatámos tomarem forma no inédito ciclo pictórico setecentista da Igreja de São Tomé de Bitarães, cuja narrativa revelamos à luz da doutrina escatológica do Pe. Manuel Bernardes.

Biographical Note / Nota biográfica: Licenciada em Artes Plásticas - Pintura (2002), pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro (2010), pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Doutora em História da Arte, e de Arte, Património e Restauro, na especialidade de História da Arte (2016), pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Os seus interesses de investigação focam-se principalmente no estudo da pintura e da cultura visual dos períodos moderno e contemporâneo, com particular enfoque nos agentes e processos da produção pictórica e na relação empática "criador/fruidor". Neste contexto, desenvolve também estudos no âmbito da Neuroestética e da Neurociência da Emoção. É co-autora do livro *O tecto do Salão dos Continentes na Casa das Morgadas e a pintura na Covilhã no início do século XVIII*, assim como autora, maioritariamente a nível individual, de vários artigos científicos e capítulos de livros, em publicações nacionais e internacionais. É professora auxiliar convidada na Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, investigadora integrada do iA* - Unidade de Investigação em Artes da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, e investigadora colaboradora do Artis - Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Um “Porto Maldito”: Medo, Culpa e Epidemias Santos - São Paulo (1880 – 1910)

Maria Izilda Santos de Matos

Abstract / Resumo: Estes escritos priorizam a análise das sensibilidades emergentes diante das vivências cotidianas dos surtos epidêmicos, tais como o medo e culpa, observado como sentimentos multifacetados, que durante a vigência das epidemias se tornou onipresente atingindo a todos pelo espectro da contaminação e da morte. Tem como foco da análise as epidemias que atingiram Santos entre 1880-1900 num contexto de transformações desta cidade-porto e da difusão das epidemias (febre amarela, varíola, peste bubônica, entre outras) cuja intensidade gerou a alcunha de “porto maldito”. A investigação encontra-se sedimentada numa ampla e diversificada documentação que inclui manuscritos do Arquivo Público de Santos, relatos de viajantes, imprensa local, nacional e internacional. Palavras-chave Epidemias – porto – medo – biopoderes – higienismo.

Biographical Note / Nota biográfica: Possui graduação (USP/1978) e doutorado em História (USP/1991), Livre docência (PUC/SP/2016), pós-doutorado Université Lumière Lyon 2/França (1997). Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de SP, Professora convidada da Universidade Ca’ Foscara/ Itália, Pesquisadora 1 A do CNPq, classificada no AD Scientific Index 2023 Latin America TOP 1000 Scientists. Tem experiência na área de História, atuando nos seguintes temas: história dos sentimentos, história das cidades, História de gênero, história das imigrações.

Acesso ao CV completo: <http://lattes.cnpq.br/3818957885297532>,

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4109-3747>

Abstract / Resumo: O ciclo de *Earthsea*, cuja publicação foi concluída em Setembro de 2001 com o romance *The Other Wind*, e a trilogia *His Dark Materials*, concluída em Outubro de 2000 (com a primeira edição de *The Amber Spyglass*) são duas obras de fantasia para jovens adultos em que o tema da morte assume grande relevância. Com orientações filosóficas distintas, *Earthsea* com uma clara orientação taoista e *His Dark Materials* com as suas raízes na tradição ocidental, ambas propõem visões próximas em termos semânticos do significado da morte e de como entender a imortalidade. Fora dos quadros religiosos tradicionais, a visão da morte e da imortalidade dirigidas a jovens leitores do segundo milénio abordam o tema com frontalidade perturbadora mas também desafiante. Nesta comunicação, proceder-se-á à comparação e análise dos dois mundos dos mortos representados nas obras referidas, das filosofias que lhes estão subjacentes e das estratégias literárias que os dois autores utilizaram.

Biographical Note / Nota biográfica: Professor of Comparative Literature at the FCSH/UNL (New University of Lisbon, Portugal). Graduated in Modern Languages and Literature at the University of Lisbon (1983), Master in Comparative Literary Studies by the Universidade Nova de Lisboa (1987), and Ph.D. in Literary Sciences, the specialty of Comparative Literature, by Universidade Nova de Lisboa (1997). Lectures Comparative Culture and Literature in graduate and postgraduate levels. Senior Researcher at CHAM (CHAM, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores). Chief-editor of PHI series (Taylor & Francis), editor of several books, author of the first Portuguese academic book on Tolkien, and author of several essays on Utopia and fantasy.

Medos por detrás do ecrã: relações virtuais em *Celle que vous croyez* e *Ta promesse*, de Camille Laurens

Dominique Faria

Abstract / Resumo: Esta comunicação propõe uma reflexão sobre a forma como, em *Celle que vous croyez* (2016) e *Ta promesse* (2025), de Camille Laurens, o universo virtual revela e amplifica medos profundos no âmbito das relações humanas. Nestes textos, duas protagonistas femininas, marcadas pela solidão e pelo envelhecimento, envolvem-se em relações mediadas pelas redes sociais, concebidas como espaço de desejo, mas também de encenação, vigilância e perseguição. A autora explora inquietações contemporâneas em torno da identidade, da perceção do eu pelo outro e da fragilidade dos laços afetivos que se constroem através das mediações tecnológicas. O virtual torna-se espaço de proteção e ilusão, mas também gerador de exposição, perseguição e traição. Pretende-se mostrar de que modo Camille Laurens dá forma literária às contradições afetivas da sociedade contemporânea, evidenciando o papel do virtual enquanto espaço gerador de ansiedade, de engano — e, sobretudo, de medo.

Referência bibliográficas

Laurens, Camille, *Celle que vous croyez*, Paris, Gallimard, 2016.

Laurens, Camille, *Ta promesse*, Paris, Gallimard, 2025.

Biographical Note / Nota biográfica: Professora associada na Universidade dos Açores, onde coordena o doutoramento em Literaturas e Culturas Insulares e o mestrado em Tradução. É investigadora do CHAM – Centro de Humanidades (FCSH – NOVA / Universidade dos Açores), vice-presidente da Associação Portuguesa de Estudos Franceses (APEF) e diretora da revista científica *Carnets*. Doutorada em Literatura Francesa, desenvolve investigação nas áreas da literatura francesa contemporânea, dos estudos de tradução e das literaturas insulares. Entre as suas publicações mais recentes destacam-se: Dominique Faria, *Îles de papier. Approche littéraire des îles dans la fiction française, 2000-2024*, Paris, Classiques Garnier, 2025 (no prelo); Dominique Faria, Éric Fougère, Jean-Paul Engélibert (orgs.), *Carnets*, Série II, n.º 27, « Cartographier des îles et des identités », 2024; Eugène F.-X. Gherardi, Dominique Faria, « En Corse avec Ferreira de Castro », in *Ferreira de Castro, Mondes en petit et vieilles civilisations (Corse, 1934)*, Ajaccio, Albania, 2023, pp. 9-53.

Abstract / Resumo: The opening sequences of *True Detective* Seasons 1–4 explore fear through visual symbolism, sound design, and landscape, shaping each season’s psychological atmosphere. Season 1 evokes existential dread through Louisiana’s decayed rural landscapes, where industry and nature ominously intertwine. Season 2 shifts fear into an urban dystopia, using California’s industrial wastelands to reflect moral corruption, paranoia, and entrapment. Season 3 internalizes fear, focusing on memory, time, and identity, as fractured imagery merges past and present, mirroring the protagonist’s disorientation. *True Detective: Night Country*, the latest season, relocates fear to the Arctic’s endless night, where isolation and ecological disturbance create an atmosphere of inescapable dread. Across these sequences, landscapes are not just settings but active forces shaping human anxiety. Fear is woven into physical space—whether through environmental decay, industrial collapse, or the erosion of time. By blending human figures with landscapes, the title sequences reinforce that fear is not only psychological but embedded in place but also in history (and ecology). With this in mind, this presentation aims to: (1) analyze *True Detective* as a neo-noir series, a subgenre intrinsically tied to fear (Mayer & MacDowell, 2007; Dixon, 2009; Lurh, 2012; Spicer, 2013); and (2) explore how its opening sequences construct a distinct yet interconnected meditation on fear.

Biographical Note / Nota biográfica: Professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sendo investigador no Centro de Estudos Anglístico (CEAUL) da mesma universidade, onde ocupa o cargo de Sub-director. Coordena igualmente a licenciatura em Estudos Artísticos na FLUL. Os seus principais interesses incluem História do Cinema, Cinema Norte-Americano, Outras Cinematografias, Cultura Popular, Séries de Televisão, entre outros. Co-editou vários livros e números de revistas dedicados a estes temas, dos quais se destacam *Imagens Paralelas: Planos Americanos* (2024); *Um Olhar Português: Cinema e Natureza no Séc. XXI* (2024), *The Films of João Pedro Rodrigues and João Rui Guerra da Mata* (2022) ou *The Global Road Movie: Alternatives Journeys Around the World* (2018). Co-organizou ainda as antologias poéticas *Natural In Verso* (2015), actualmente na segunda edição, e *Dez Ar Mar* (2024), obras dedicadas à relação da poesia com a natureza. Prepara a co-organização de uma nova antologia relacionada com estes temas. Publicou dois livros de literatura infantil, cinco livros de poesia: três em língua portuguesa e dois em língua inglesa. Prepara-se para publicar o seu sexto livro de poemas, dando continuidade a um exercício que interliga a criação literária e o trabalho cultural.

Noelia Villena-Rodríguez

Abstract / Resumen: Las expediciones marítimas que se produjeron en el siglo XVI conllevaron una nueva forma de percibir y comprender el mar, alejada del miedo ante lo desconocido que hasta el momento había caracterizado la relación de los europeos con el mismo, destacando el proceso de cristianización al que se le sometió, legitimando la empresa exploratoria y neutralizando, en la medida de lo posible, ese temor al mar. Esto impulsaría viajes como el de Colon en 1492 que aumentarían con el encuentro en 1513 con otro mar: la Mar del Sur u Océano Pacífico que planteó un nuevo escenario de expansión a nuevos territorios y sus recursos. Así, en 1519 el primer viaje europeo que se adentró en este océano fue el de Magallanes/Elcano. La crónica de este viaje nos permite analizar su historia sensorial y la alegría que causó el hallazgo de unas islas donde poder abastecerse: las islas Marianas.

A partir de este momento, estas islas se convertirán en un punto en mitad del océano, respondiendo casi al cumplimiento de una navegación “ritual” (García Redondo, 2020) e indicio de que el viaje estaba yendo bien articulando, con ello, una configuración geográfica específica de sus islas y aguas. Su colonización efectiva se producirá en 1668 con el establecimiento de una misión jesuita. El proceso de evangelización y conquista del archipiélago va a estar caracterizado por la creciente cristianización del entorno marítimo, desde el control de las aguas, hasta el temor de sus vientos y tormentas. De esta manera, a través de diferentes pasajes analizaré cómo la cristianización del mar se conformó como estrategia de control y apropiación, paliando, con ello, el miedo que inspiraba ese entorno *desconocido* en los colonizadores, a su vez que impactaba en la forma de relacionarse y sentir el mar de los habitantes de las islas, los CHamoru.

Biographical Note / Nota biográfica: Graduada en Arqueología (Universidad de Granada), con Master en Historia y en Educación por la misma universidad. Es actualmente estudiante del doctorado del programa en Historia en la Universidad Pompeu Fabra. Su proyecto de investigación se titula: «Miradas desde y hacia el océano en las Islas Marianas (Pacífico Occidental). Percepciones, representaciones y apropiaciones en el marco de contacto y colonización española (1521-1898)». Sus principales intereses incluyen: La percepción del mar, la representación y apropiación de los paisajes marinos a través del comercio y establecimiento de una colonia marítima y el impacto del colonialismo en la relación con el mar.

Temor de Dios y Apego a la Vida. Prácticas Mágico-Religiosas en la Guåhan Hispano-Colonial

Matilde Carbajo

Abstract / Resumen: Si en un mapa se traza con el dedo una línea recta desde las Filipinas hacia el este y otra al sur desde Japón, no lejos de donde confluyen, se sitúan las Islas Marianas. La más sureña de todas, llamada Guåhan (Guam), tiene una forma caprichosa: es más ancha al sur y al norte, y más estrecha en la mitad. Según el folklore indígena chamorro, *antes na tiempo*, un gran pez intentó comerse la isla bocado a bocado y, empezando por los lados, abrió en la costa este la bahía de Pågu y, en la oeste, *Hagåtña Bay*. Fue en una tercera bahía, la de Humåtak, donde se ha convenido que llegó la expedición de Magallanes en el año 1521 y quizás donde Legazpi tomó posesión del archipiélago para la corona española unas cuatro décadas después. En 1668, una misión jesuita se estableció en Guåhan, dando inicio la colonización efectiva de Oceanía. Usando la violencia y el miedo para inscribir a la población indígena en el orden colonial social y productivo, los misioneros buscaron “edificarla” en el culmen de la emotividad católica: el temor de Dios (Carbajo 2025). Sin embargo, la ortodoxia religiosa que estos misioneros jesuitas deseaban implantar era más aspiracional que real. Prueba de ello es el relato, fechado en 1676, que elaboró un jesuita mientras navegaba a la deriva entre Hagåtña y Humåtak durante una fuerte tormenta. Presa del pánico, un soldado que viajaba a bordo decidió atar una estatuilla de San Nicolás de Tolentino al mástil, condenando al santo a hundirse si no llegaban a buen puerto. A través de este y otros episodios narrados en la documentación colonial, exploro la intersección entre miedo y espiritualidad, mostrando cómo, en el contexto colonial de las Marianas, el catolicismo no fue monolítico ni impuesto sin fricciones, sino que las personas subalternas lo negociaron, reinterpretaron y se lo reapropiaron.

Biographical Note / Nota biográfica: Antropóloga histórica, graduada en Arqueología por la Universidad Complutense de Madrid y en Antropología Cultural por la Universidad Lumière Lyon 2. Es doctora en Historia por la Universidad Pompeu Fabra (UPF). Su investigación doctoral se centra en cómo el colonialismo moderno afectó a los sistemas de sanación indígenas en la región Asia-Pacífico. Matilde recibió una beca predoctoral INPhINIT Retaining de la Fundación “la Caixa” y es docente en el *Barcelona Program for Interdisciplinary Studies* (BaPIS), en la UPF.

Abstract / Resumo: The iconography depicting the destruction of Lisbon on the 1st November 1755 is extensive. However, an oil canvas painted by João Glama Ströberle (1708-1792) (Museu Nacional de Arte Antiga, inv. n.º 1746 Pint) is of particular interest as it is believed to portray what the painter witnessed on the day of the catastrophe. In a scenario of chaos, the actions of several figures underscore the immediate concern for religious artifacts: a man hugs a crucifix, a woman fixes a painting of the Madonna, another man holds a painting of Saint Francis of Paola, and a friar presents a crucifix to the crowd while preaching.

Several sources document the saving of religious images during the earthquake or their rescue on the following days. This communication aims to analyse the varied approaches to the recovery of miraculous statues. It examines references to the survival of statues and presents case studies of either the acquisition of a new image or the preservation of remnants of a previous one. Giving special attention to the concepts of relic and historical tradition, these responses will be explored in the framework of the Catholic cult of images.

Biographical Note / Nota biográfica: Holds a degree (2018) and MA in Art History (2021). He is presently a PhD student in Art History at the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon, supported by a fellowship from the Fundação para a Ciência e Tecnologia (2024.02157.BD). His doctoral research regards the reconstruction of the Convent of São Domingos de Lisboa, after the earthquake of 1755.

Que nenhum cristão se deixe cair na «armadilha do medo»: representações do comunismo na imprensa católica (1974-1976)

Patrícia Freitas

Abstract / Resumo: No dia 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas pôs fim a quarenta e oito anos de ditadura. Um pouco por todo o país, a notícia de que tinha havido uma revolução chegava à população, provocando variados sentimentos e reações. Os meses que se seguiram, usualmente designados por Processo Revolucionário em Curso, constituem um período interessante da contemporaneidade portuguesa, na medida em que se verificou uma intensa participação popular e democrática em processos de decisão centrais para o desenvolvimento do país. Em sentido inverso, houve setores da sociedade portuguesa que se distanciaram dos propósitos iniciais da revolução, que viriam a ficar consagrados na Constituição de 1976 – a construção de uma sociedade socialista e sem classes, a realização da Reforma Agrária, entre outras coisas – adotando posições mais conservadoras e, em última análise, contrarrevolucionárias. Esta comunicação pretende precisamente abordar uma das facetas contrarrevolucionárias de uma das instituições com mais influência em Portugal neste período: a Igreja Católica. Para tal, analisamos um conjunto de semanários diocesanos das regiões Norte e Centro do país, cujo discurso revela as posições contrarrevolucionárias e anticomunistas da maioria da hierarquia eclesiástica. O anticomunismo aparece, portanto, como uma das dimensões principais da sua argumentação. O comunismo, à semelhança do que acontecia durante a ditadura, é caricaturado como uma ameaça, sendo frequentemente associado à degeneração das sociedades, bem como às práticas antirreligiosas. O propósito deste discurso era inculcar o medo na população, retratando o comunismo como opositor da religião.

Biographical Note / Nota biográfica: Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestranda em História Contemporânea na FLUP. Foi bolseira de investigação no CITCEM. Tem trabalhado temas relacionados com o anticomunismo no Processo Revolucionário em Curso.

Representações sobre as Romarias Quaresmais de São Miguel: Crenças e Práticas Religiosas, Sociais e Culturais

Paulo César Bulhões
Ana Cristina Gil
Isabel Cabrita Condessa

Abstract / Resumo: As romarias quaresmais de São Miguel são consideradas manifestações populares de fé, devoção, sacrifício e piedade, desde o século XVI até aos dias de hoje. As primeiras romarias surgiram devido ao medo associado às catástrofes naturais que ocorreram na ilha, sendo consideradas castigos do povo. Por desespero e súplicas divinas, grupos de homens e de mulheres saíram à rua a rezar e a interceder junto a Maria (n. 1522), por uma maior caridade e compaixão. Primeiramente, as romarias ocorriam durante um dia semanal e posteriormente passaram a decorrer durante oito dias, apenas constituídas por homens, no período da Quaresma, tornando-se a expressão religiosa insular com maior impacto folclórico. A imagem do romeiro assemelha-se à de Jesus Cristo, com as suas vestes (xaile, lenço, saca, bordão e terços) e com as orações e os cânticos, evocados em capelas e em igrejas da ilha. Esta manifestação segue princípios que definem as práticas religiosas, sociais e culturais dos peregrinos, através de regulamentos e de rituais de adoração e de costumes. Na caminhada, a penitência e o sacrifício revelam as intenções dos irmãos, com súplicas de paz, de proteção e de misericórdia dos Céus. Com o intuito de compreender as influências das romarias quaresmais na construção identitária e na educação das novas gerações, desenvolveu-se um estudo de natureza qualitativa, com base na análise documental, de fotografias e de entrevistas. Os resultados atingidos foram os seguintes: i) a participação nas romarias marca a história e a vida dos irmãos; ii) a contribuição para uma identidade religiosa e cultural mais consciente; iii) a transmissão da herança cultural entre gerações, com impacto no quotidiano. A concluir, as romarias de São Miguel representam ao longo da história e da cultura dos Açores um reconhecido património cultural imaterial, marcado por costumes, crenças, valores, tradições e representações etnográficas e religiosas.

Biographical Notes / Notas biográficas:

Paulo César Bulhões é Doutor em Literaturas e Culturas Insulares, na especialidade de Culturas Insulares e Identidade, e Mestre em Educação e Formação, distinguido com o prémio de mérito, na especialidade de Formação e Intervenção Educativa com crianças e jovens, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humana, da Universidade dos Açores. Licenciado em Ciências da Educação, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade do Porto, com a especialidade em Intervenção Educativa e Desenvolvimento Pessoal e Social.

É Professor Auxiliar Convidado na FCSH, da UAc, na disciplina de Expressões e Comunicação Multimédia, do curso de Educação Básica. Já lecionou as unidades curriculares de Educação de Adultos e de Animação Educativa – Atividades Lúdicas, Culturais e Artísticas –, do curso de Mestrado em Educação e Formação. É Professor Interno na Escola Profissional da Ribeira Grande e Coordenador Geral da Rede Municipal dos CATL d`A Ponte Norte, da Cooperativa de Ensino e de Desenvolvimento da Ribeira Grande. É Formador certificado pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua de Professores. Foi Técnico Superior Especialista/ Coordenador Técnico-Pedagógico nos CATL da Santa Casa da MDES da Maia.

É autor de vários artigos científicos, nacionais e internacionais, assim como escritor publicado, na área da cultura, educação, cidadania, infância, juventude, tempos livres, lazer e ludicidade. Participou em vários Seminários, Colóquios e Conferências, nacionais e internacionais, no papel de comunicador e de moderador.

É Investigador Integrado Regular do CHAM-Açores| Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores.

Ana Cristina Correia Gil é Professora Associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas) da Universidade dos Açores (UAc), investigadora integrada do CHAM e colaboradora do Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão.

Foi Presidente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UAc (2016-2021), diretora da Biblioteca, Arquivo e Museu desta universidade (2014-2017) e membro do Conselho Geral da UAc (2021-2025).

Dedica-se ao estudo da Cultura e Literatura Portuguesas, às questões de Identidade e aos Estudos Insulares. Publicou a obra *A identidade nacional na literatura portuguesa. De Fernão Lopes ao fim do século XIX* (2015, edição CHAM) e publica regularmente artigos e capítulos de livros. Tem participado em eventos científicos, em Portugal e no estrangeiro, com conferências e comunicações sobre as suas áreas de investigação, bem como sobre jornalismo.

Em 2014, ganhou o Prémio Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão com o ensaio «Diferentes perspetivas sobre a identidade nacional: o caso português».

Isabel Condessa is an Associate Professor with Aggregation at the Department of Education of the School of Social and Human Sciences of the University of the Azores (UAc) in the areas of Education / Analysis of Education and Training Teachers. Works on Physical Education, Educational Animation, Educational Innovation, Educational Research, Didactics, Teaching Methodology.

Her title of aggregate (2012) and PhD (1999) was obtained at University of Azores. Is an external researcher integrated in the Research Centre in Early Childhood Education (CIEC- FCT nº 710) since 2006. Participated and coordinated numerous international and national projects, some of them funded by FCT. She is author and co-author of international and national publications such as scientific articles, books, and proceedings chapters. Also organized and reviewed scientific events publications and she was Director of Education Department and of several Master Courses, with supervision of various dissertations and reports.

Day's Lecture / Conferência do Dia

Fears of a Climate-Changed Future: Vernacular Representations of Climate Change in the Nordic Countries

Camilla Asplund Ingemark

Biographical Note / Nota Biográfica: Associate Professor of Ethnology at Campus Gotland of Uppsala Universitet, Sweden. Main research interests are narrative and belief in different periods from antiquity to the present; the history of emotions; temporalities; popular conceptions of the past; cultural disaster studies; environmental humanities; and narrativity and sustainability.

Last publications: Book - *Representations of Fear: Verbalising Emotion in Ancient Roman Folk Narratives*, Academia Scientiarum Fennica, 2020. Chapter in book - *The Monster-Harboured Sea: Sea Monsters and Sea Serpents in Ancient Myth*, Part of *The Oxford Handbook of Monsters in Classical Myth*, Oxford University Press, 2024. Article - Knowledge Production and Tradition Archives, Part of *Ethnologia Scandinavica*, 2020, and other more.

Territory and Canarian castles against the fear of corsairs and piracy. SeaLabhauss Project

**Lucía Martínez Quintana
Juan Manuel Santana Pérez**

Abstract / Resumen: In the Canary Islands, defensive structures were built in the modern era to protect its coasts and Spanish sovereignty.

Where the economy was declining, enemy navies and privateers found greater weaknesses and more opportunities for plunder, deepening the spiral of crisis and insecurity. After attacks during times of crisis, the situation worsened even further—tax collection decreased, defense spending was reduced, and attacks became more frequent. The burden of defense fell on the inhabitants due to the continued reliance on

militias, with practically no expenditure from the Royal Treasury.

A mixed defense system was developed, combining a small number of professional soldiers with a militia system made up of men of fighting age, complemented by some fortifications. Occasionally, a trap guard was also deployed, almost always within the archipelago. From the 16th century onward, a lookout system became important to warn of the danger posed by enemy sails. This situation shaped the collective Canarian mentality from the Early Modern Age to the present day. Various ballads and expressions, many of Iberian origin, were part of this cultural memory. Since these attacks came from culturally distant groups, fear was often activated in the construction of the "other" as the enemy. To prevent this, a defensive surveillance system was established in the island's port cities. Everyone was expected to contribute to ongoing security, establishing relations with neighboring cities that could occasionally be enemies, in order to ensure stable peace and maintain the potential for military defense against maritime invaders.

At the end of the 16th century, military engineer Leonardo Torriani arrived in the Canary Islands with orders to strengthen the fortifications, but his reports, as well as those of his successor, Próspero Casola, were rarely implemented.

Biographical Notes / Nota biográfica:

Lucía Martínez Quintana, es arquitecta, con la especialidad en Edificación y Urbanismo, y Doctora en Arquitectura por la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria.

Sus principales líneas de investigación son el Turismo, el Patrimonio y los espacios insulares. Profesora Contratada Doctora adscrita al Departamento de Arte, Ciudad y Territorio de la ULPGC, ha sido Subdirectora de Calidad y Subdirectora de Internacionalización y Cooperación de la Escuela de Arquitectura, y actualmente es Directora del Departamento de Arte, Ciudad y Territorio. Es representante nacional de ESPAÑA en la Association of European Schools of Planning (AESOP) desde el 2015.

Ha participado en concursos de Arquitectura, con proyectos urbanísticos que han sido reconocidos por premios y distinciones. Una denotada TRANSFERENCIA de conocimiento con la experiencia profesional, a través del liderazgo en prestación de servicios profesionales con administraciones públicas, obtenidos por el procedimiento de licitación abierta o concurso, com el Gobierno de Canarias, con el Cabildo de Gran Canaria, con el Patronato de Turismo de GC y con la empresa pública GESPLAN (Gestión y Planeamiento Territorial y Medioambiental, S.A.).

Ha dirigido y participado en varios proyectos de I+D+i de convocatorias competitivas internacionales, nacionales y autonómicas con una duración acumulada superior a los 10

años, con transferencia e intercambio de conocimiento, y en las que se promueve la multidisciplinariedad y el pluralismo lingüístico.

Ha impartido docencia en la Titulación de Arquitecto y en el Grado en Arquitectura. También en el Máster Universitario en Desarrollo Integral de Destinos Turísticos; en el Máster interuniversitario en Gestión del Patrimonio Artístico y Arquitectónico, Museos y Mercado del Arte y en el Máster Msc in Tourism, Transport and Environmental Economics (máster Oficial e Internacional impartido en lengua inglesa).

A todo ello hay que añadir que ha impartido docencia en diversas universidades extranjeras de distintos países, desarrollando Staff Mobility Erasmus+ con fines de Formación-Investigación-Docencia, como en la Università degli Studi della Basilicata (ITALIA); en la Welsh School of Architecture in Cardiff University (REINO UNIDO); en la Faculdade de Arquitectura de la Universidade de Lisboa (PORTUGAL); en la Università degli Studi di Salerno (ITALIA); en la Université Gaston Berger, en Dakar (SENEGAL); en L'École Nationale Supérieure d'Architecture Paris La Villette (FRANCIA); en la Scuola di Architettura & Design de la Università di Camerino, en Ascoli Piceno (ITALIA) y en L'École Nationale Supérieure d'Architecture de Lyon (FRANCIA).

Juan Manuel Santana Pérez es Licenciado en Geografía e Historia, Licenciado en Periodismo, Licenciado en Filosofía Ciencias de la Educación, Licenciado en Filología Inglesa. Doctor en Geografía e Historia. Catedrático de Historia Moderna de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. 15 Tesis Doctorales dirigidas. 15 Libros científicos publicados. Más de 150 artículos y capítulos de Libros. Más de 150 ponencias en Congresos.

Director del Departamento de Ciencias Históricas de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria desde 03/02/1999 hasta 03/05/2004. Profesor del Master en Historia de América Latina “Mundos Indígenas” de la Universidad Pablo de Olavide. Profesor del Postgrado em História do Atlântico e de la Diáspora Africana de la Universidade Estadual de Santa Cruz-UES, Brasil. Miembro correspondiente del CHAM en Lisboa.

Profesor Visitante en diversas universidades: Université Paris III-Nouvelle Sorbone, Université Aix-En-Provence-Marseille, Université Lyon III, University La Trobe (Melbourne), Universidade Fluminense, Universidade de Goias, PUCE de Ecuador, Universidad Nacional de Sur (Argentina), Universidad de Santiago de Chile, UNAM, Universidad de Querétaro, Universität Salzburg, Universidad de Barcelona, Universidad Autónoma de Nicaragua, Universidad de San Carlos de Guatemala, Universidad Talastasan sa Kasayan (Filipinas), Tashkent State Economic (Uzbequistán), Universidade do Porto, Universidade das Açores, Universidad Ibn Zohr (Marruecos), Comune di L'Aquila (Italia), Università Degli Studi di Napoli Federico II (Italia), entre otras.

Visiting Fellow en el European University Institute, Florencia, mayo-junio 2003. Más de 150 comunicaciones en Congresos Internacionales en los cinco continentes. Director de la Revista *Vegueta. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia* Entre 2014 y 2019. Miembro del Comité de Redacción y del Comité Científico de varias revistas nacionales e internacionales.

ORCID ID: 0000-0002-9505-9288

ResearchGate: D-9092-2016

The Return of the Barons. The Fear of Aristocratic Revenge in the Neapolitan Revolt of 1647-48

Giuseppe Mrozek Eliszczewski

Abstract / Resumo: The revolt that spread across the Kingdom of Naples between July 1647 and May 1648 aroused multiple and profound fears, including, to name but a few examples, the fear of everyone for their lives, in a context of chaos and violence; the fear of the Spanish soldiers and government men, starting with the Viceroy Duke of Arcos, of not having sufficient means to suppress a revolt that seemed to resemble all too closely those still underway in Portugal and Catalonia; the fear of the nobility and the wealthier social groups of losing everything; the fear of the rebels of being defeated and suffering, after defeat, the harsh reaction of the Spanish power. In the speech proposed here, the speaker, in continuity with the studies he has developed over the last few years, will focus on a very specific type of fear: the fear rooted in the popular strata, in particular the lower strata, of the return of the barons, or rather, to be more precise, of that part of the nobility, both feudal and urban, hated and feared by the plebs and momentarily removed from the capital or from their fiefdoms during the months of the revolt. Although they were motivated by different political and personal motivations and one could have more than a few doubts as to their actual loyalty to the king of Spain, these nobles were united by the fear, often exaggerated but not entirely unmotivated, that they aroused in the plebs of the capital or in the inhabitants of their respective fiefdoms. To reconstruct this fear, which went far beyond the borders of the capital, reference will be made to various sources: chronicles, diaries, reports, private correspondence, images.

Biographical Notes / Nota biográfica: Assistant professor of Modern History at the Department of Humanities, Arts and History of "Gabriele D'Annunzio" University of Chieti-Pescara. He received his PhD in "History: Politics, Society, Cultures, Territory" from the University of Roma Tre (2012). His research interests focus on the European political and cultural history of the 16th and 17th centuries, with particular attention to the context of the Spanish monarchy, the Madrid court and its relations with Italian territories, primarily the kingdom of Naples. On these topics he has produced four monographs, in addition to various articles in international journals and several volume essays. Among the most recent: *Punir et prévenir. Les élites napolitaines et le pouvoir espagnol après la révolte de 1647-1648*, in *Crises politiques et reconfigurations des fidélités. Les élites de la monarchie hispanique des guerres d'Italie à la guerre de Succession espagnole*, eds. H. Hermant, A. Cogné, «Cahiers de la Méditerranée», 106 (2023), pp. 105-119; *Nobili inquieti. La lotta politica nel regno di Napoli al tempo dei ministri favoriti (1598-1665)*, Rome, Viella, 2023. He is part of various international research groups, such as the Instituto Universitario La Corte en Europa (IULCE) of the Universidad Autónoma de Madrid; Red Columnaria, nodo "Representaciones y autorrepresentaciones del poder en las sociedades y los territorios de frontera"; "The Dream of Freedom. Writing in confinement in modern-age Italy (15th-19th centuries)" at the Department of Humanities, Arts and History of "Gabriele D'Annunzio" University of Chieti-Pescara.

Abstract / Resumo: A história das ilhas efêmeras revela aspectos das multifacetadas concepções sobre o vulcanismo presentes em cada época. Nascidas a partir de erupções vulcânicas submarinas, elas perduram por um curto período, até que o frágil material de que são formadas seja corroído pela erosão marinha. Foi assim com a ilha Sabrina que, surgida na costa da ilha de São Miguel, nos Açores, em meados de 1811, já havia desaparecido no final daquele mesmo ano.

Marcados, ao mesmo tempo, pelo isolamento e pela conexão, os espaços insulares eram pontos estratégicos na circulação transoceânica. Assim, a despeito de suas reduzidas dimensões, uma nova ilha no meio do Atlântico não demorou a despertar interesse. O capitão da marinha britânica Tillard, a bordo do *HMS Sabrina*, apressou-se em tomar posse da novidade, batizando-a com o nome de seu navio. A história dessa descoberta migrou para a *Royal Society*, em Londres, difundindo-se na comunidade científica, para, em seguida, alcançar a imprensa ao redor do mundo.

Naquele momento, as erupções vulcânicas despertavam grande interesse nos leitores. Enquanto se desenrolavam os esforços de compreensão de tais fenômenos, as páginas dos jornais acompanhavam cada novo evento. Tanto as representações iconográficas como as narrativas jornalísticas amparavam-se no medo do caos e da aniquilação, mas também no fascínio gerado pelas poderosas forças geológicas em atuação no planeta.

A história da pequena ilha nos Açores, que surgiu e desapareceu, chegou às páginas dos jornais no Rio de Janeiro joanino e continuou presente mais tarde. A partir do exame desse caso em particular, o objetivo é analisar a ampla circulação de notícias sobre eventos vulcânicos, transformados pela imprensa em apavorantes, porém sublimes espetáculos, capazes de seduzir o leitor.

Biographical Notes / Nota biográfica: Doutora em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde atua na graduação e na pós-graduação.

Voltada para os campos de investigação da História dos Desastres e da História Ambiental Urbana, tem publicado estudos sobre essas temáticas, de que são exemplos os seguintes artigos: A viagem das notícias: percepções do Terremoto de 1755 no Rio de Janeiro. *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos – Revue d’Histoire et de Sciences Sociales*, jun 2024 [DOI: <http://dx.doi.org/10.4000/11vre>]; A ilha desaparecida [Ferdinandea]: vulcanismo nas páginas dos jornais fluminenses. *Varia Historia*, v. 40, p. e24030, 2024. [DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752024v40e24030>]; em coautoria (com MUAZE, Mariana). Do chafariz ao copo: os fluxos da água no Rio de Janeiro Oitocentista. *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC)*, v. 14, p. 581-617, 2024. [DOI: <http://dx.doi.org/10.32991/2237-2717.2024v14i3.p581-617>]; A destruição dos restos da destruição: Pompeia e Herculano no Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Revista CPC (USP)*, v. 19, p. 13-34, 2024. [DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v19i37p13-34>].

Notícias de guerra: os heróis que partiram, Açores, 1961-1974. O caso particular da guerra colonial portuguesa

Tânia Santos

Abstract / Resumo: A 13 de abril de 1961, Salazar dirige-se ao povo português, proferindo a celebre declaração *andar, rapidamente e em força*, para Angola¹, dando o mote para o arranque da guerra colonial portuguesa. Iniciam-se 13 anos de sanguinária nas Províncias Ultramarinas, numa guerra inglória por Deus e pela Pátria. Vários foram os contingentes militares que partiram dos Açores para o Ultramar, deixando mães, filhos e esposas, na ânsia de um regresso, que nunca mais seria igual. Dos Açores pereceram no Ultramar 216² jovens rapazes, que partiram e nunca mais regressaram. Ao invés deles chegava um telegrama, entregue por um militar à família, trazendo a notícia da morte. Este era um processo vivenciado em 3 frentes, na *Vox Populis*, eram 3 mortes distintas: a chegada do telegrama, “a chegada da mala” - o espólio pessoal do soldado, e a chegada do corpo e realização do funeral com as exéquias militares condignas ao esforço e sacrifício do soldado e das famílias.

O medo da finitude da vida, no decorrer da guerra colonial, foi uma constante para os que partiram e para os que ficaram. O sentimento de medo e angústia permeava as famílias e os jovens.

O receio da partida e o ensejo no regresso, alavancou a que muitas famílias e soldados encontrassem apoio e amparo no culto ao Divino, prometendo e “negociando” com o Sagrado, o regresso do seu ente querido, sendo este quase que um sentimento comunitário, vivenciado por toda a freguesia, acompanhando a dor do filho da terra.

Com este apontamento pretende-se, perceber o impacto que a guerra colonial, em termos de mortandade, teve sobre a comunidade açoriana, recuperando memórias que permitem compreender o processo de luto face a guerra colonial. A análise dessa realidade, é o foco deste artigo, que, evidentemente, não abordará o tema de forma exaustiva.

Biographical Note / Nota biográfica: É doutora em História Insular e Atlântica, pela Universidade dos Açores, com a tese: “*O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores, durante o período do Estado Novo (1933-1974)*”. É mestre em Ciências Sociais com especialidade em famílias, envelhecimento e políticas sociais, com a apresentação da dissertação: “*Da assistência à adoção: A sociedade perante a infância abandonada (séculos XIX a XX)*”. Em 2018 publicou o livro “A infância abandonada. O caso particular da ilha Terceira”, pela editora Letras Lavadas. Em 2018, fez pós-graduação em Educação Social e Intervenção Comunitária. É investigadora do CHAM-Centro de Humanidades, unidade de investigação interuniversitária vinculada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e da Universidade dos Açores. É sócia efetiva do Instituto Histórico da Ilha Terceira e sócia do Instituto Açoriano da Cultura. É autora de diversas publicações relacionadas com a sua área de estudo.

The fear of crisis and crisis resilience in the context of floods.

Abstract / Resumo: This study investigates the impact of the 2024 floods on individuals in Poland and Austria, focusing on those whose homes were flooded, as well as those involved in rescue operations, crisis management, and post-flood recovery. The research reveals that 70% of flood-affected individuals experienced post-traumatic stress disorder (PTSD), significantly affecting their daily lives. Six months post-flood, some impacts were addressed, but there are still no protections against another flood, and both individuals and institutions (cities, municipalities) fear another flood predicted for the summer of 2025. The research is conducted by Central European University in Vienna and Warsaw School of Economics.

Methodology: The study surveyed 70 individuals who were evacuated two weeks after the flood and again six months later. Additionally, 10 individuals involved in crisis management during the flood and in post-flood recovery were interviewed. These participants included representatives from local, regional, and national levels (municipalities, provinces, and governments).

Introduction: The study highlights the lack of response to weather warnings sent via SMS alert systems, leading to life-threatening situations and rooftop evacuations. Many residents have become desensitized to SMS alerts, ignoring them. Traditional methods, such as megaphone announcements, proved more effective locally. Additionally, residents failed to distinguish between different siren signals.

Findings: The research suggests the need for educating residents in flood-prone areas and developing a convincing warning system. This issue underscores the importance of trust in technology and local authorities, including firefighters who often delivered information in person, which was ineffective. A study on the Polish-Czech border highlighted the importance of cross-border cooperation. Thanks to this collaboration and the use of technology (statistical modeling) on the Czech side, which was lacking on the Polish side, it was possible for services to operate on the river (a border river), preventing many casualties.

Technological Needs: The study identifies technological needs for crisis management during floods. Artificial intelligence (AI) is essential for local modeling of water flow and flood extent, providing visualizations to inform and convince residents to evacuate. AI can also streamline flood response operations, such as distributing sandbags and transporting materials.

Conclusion: Trust in technology is crucial for the future, and educating residents on the importance, usefulness, and reliability of technology is vital. Additionally, new tools for crisis management, including AI, present opportunities for improving flood response.

Biographical Note / Nota biográfica: Her scientific interests focus on social policy and social exclusion manifested in various areas of functioning as well as on issues related to psychology, crime and the economy of punishment. These issues are addressed in an interdisciplinary way, using the methodology of social sciences, including psychology, and the perspective of public policy. In her research, she dealt with:

the effectiveness of support for people leaving prison; conditions for social readaptation of excluded people;

educational and professional opportunities for young people and adults from excluded groups; a phenomenon of social pathology changing locally along with globalization processes and states of crisis.

Member of the Polish Sociological Society and the Polish Psychological Society. academic lecturer with many years of experience in the fields of pedagogy, social rehabilitation, psychology, economics, sociology, administration. She also has many years of management experience in the field of higher education.

Abstract / Resumo: In the aftermath of traumatic events such as the 9/11 attacks, the London bombings (2005), or the Paris stadium explosions (2015), many individuals reflect on how they would react if placed in similar life-threatening situations. Emergencies are sudden, unexpected events with potential survival consequences, and can result from natural disasters, technological accidents, or personal threats (e.g., car accidents, dangerous encounters, wars). Human defensive reactions are rooted in evolutionarily conserved neural circuits originally developed to handle threats like predators. These systems, involving brain regions such as the medial prefrontal cortex, support automatic survival-oriented behaviors like freezing, fleeing, or fighting. Importantly, these responses are not solely dictated by conscious fear but are triggered by threat-detection mechanisms with both biological preparedness and experience-based modulation. Crucially, individual responses during emergencies are shaped by perception, cognition, and personality, yet behavior in-the-moment often diverges from physiological signals or subjective fear; a phenomena described as synchrony-desynchrony. For example, freezing can serve as an adaptive pause for threat assessment or as a survival mechanism by reducing detectability. Understanding these automatic defensive states is essential, especially for first responders or individuals lacking prior disaster experience, who may become overwhelmed. Moreover, panic attacks often result from false alarms in a system primed to overrespond, which can be recalibrated through experience and learning. This perspective bridges fear research with emergency and disaster psychology, emphasizing the need to assess real-time behavioral responses over self-reported emotion. Developing tools to measure such defensive mechanisms in context could inform emergency preparedness, psychological resilience, and clinical interventions for maladaptive fear responses.

Biographical Note / Nota biográfica: Completed his undergraduate degree at the University of Minho (Portugal) and began his clinical practice in Braga, where he worked for five years in a psychiatric hospital. In 2005, he earned a PhD in Clinical Psychology from the same University, focusing on the use of virtual reality technology in the treatment of phobias. After a brief period at the University of Madeira, he pursued a postdoctoral fellowship in Australia to deepen his research on fears and phobias. Later, at the Queensland Brain Institute, he investigated epigenetic mechanisms involved in the development and maintenance of phobias. From 2014 to 2019, Carlos worked as a researcher at Chulalongkorn University in Thailand. Between 2019 and 2022, he served as an Assistant Professor at ISMAI University (Porto, Maia), where he continued to explore the etiological mechanisms of specific phobias. Since 2022, he has been based in Ponta Delgada, Azores, maintaining his research focus on these topics. Carlos Coelho's academic profile is distinguished by the diversity of layers, techniques, methods, and contexts he has used to study psychological problems, shaped by his clinical, experimental, neuropsychological, teaching, and multicultural experience.

Digital disruptions of Gaza: everyday fear and uncertainty in the artist's book

Teresa Weinholtz

Abstract / Resumo: Taysir Batniji's *Disruptions* (2024) is a photobook composed of screenshots from WhatsApp video calls between the Palestinian artist and his family in Gaza. Captured between 2015 and 2017, the degraded images within the work illustrate the paradox of sustaining everyday life amidst conflict. This communication focuses how *Disruptions* invokes the persistent fear of violence that affects daily life in Gaza, through the medium of the artist's book.

Drawing on the politics of fear and violence according to Judith Butler (2004) and Frank Furedi (2018), I examine the depiction of fear and uncertainty in *Disruptions* using distorted video calls between family. I situate the work within Edward Said's (1985) reading on difference as an ideological construct, to frame the broader conflict in Palestine. Following this, I conduct a multimodal analysis of the artist's photobook, grounded in Johanna Drucker's (2004) conceptualisation of the book as an instrument for artistic production. In this context, I argue that *Disruptions* functions not only as a representation of disrupted communication, but also as artistic commentary on the normalisation of war and fear, emphasised by the transformation of digital images (immaterial) into a physical book (material).

Ultimately, through its artistic documentation of disrupted moments, Batniji's work reveals how fear shapes, distorts, and is resisted within the everyday. The artist's photobook thus becomes a powerful cultural object that reframes the experience of conflict and separation through artistic expression and cultural resistance.

References

- Batniji, Taysir. 2024. *Disruptions*. Marseille/London: Loose Joints.
- Butler, Judith. 2004. *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. London: Verso.
- Drucker, Johanna. 2004. *The Century of Artists' Books*. 2nd ed. New York: Granary Books.
- Furedi, Frank. 2018. *How Fear Works: Culture of Fear in the Twenty-First Century*. London: Bloomsbury Continuum.
- Said, Edward W. 1985. "An Ideology of Difference." *Critical Inquiry* 12, no. 1 (Autumn): 38–58. <https://doi.org/10.1086/448320>.

Biographical Note / Nota biográfica: Is pursuing a doctoral degree in Culture Studies at Universidade Católica Portuguesa's Research Centre for Communication and Culture (CECC) in Lisbon. She holds a Bachelor of Arts degree in English Studies (2019), and a Master of Arts degree in Editorial Studies (2023) from the Ludwig Maximilian University of Munich. Currently, she conducts PhD research at the CECC's Critique, Conflict and Culture research cluster with a focus on contemporary artists' books in cultural context. Her main research interests lie in the intersection of literature, culture, and the contemporary arts in the study of artists' books.

Abstract / Resumo: Na Macaronésia, entre os séculos XVI e XVIII, existia uma cultura de medo dos fenómenos originários do mar, especialmente dos ataques de piratas e corsários, dos surtos de epidemias e da declaração de impureza do porto, da corrupção dos alimentos que chegavam por mar, dos maremotos que destruíam as infraestruturas e a frota, somado a tudo o que se relacionava com a morte por afogamento e com os possíveis monstros marinhos. Esses arquipélagos eram terras de fronteira durante o Antigo Regime, conforme documentado na época.

Todas elas foram estabelecidas como áreas de fronteira, fronteiras da conquista inicial, fronteiras diante do desconhecido, fronteiras diante das políticas imperiais, fronteiras diante da África, fronteiras diante do Islã. Em suma, fronteiras no Oceano Atlântico, zonas de confronto político-militar e de interações culturais onde emergiu uma nova sociedade com características próprias.

Assim, acreditamos ser relevante tratar essas ilhas como espaços de fronteiras imperiais na Idade Moderna, considerando que os portos sempre foram um elemento-chave em seu desenvolvimento.

A preocupação com uma tentativa de invasão por piratas europeus e, sobretudo, berberes era constante, assim como o impacto econômico sobre as principais cidades das ilhas. Após 1618, a era das invasões em larga escala, ou seja, aquelas que envolviam a ocupação de uma ilha inteira, cessou. A partir dessa data, iniciou-se a era de ataques muito mais contínuos e direcionados, mas igualmente devastadores.

Outro temor era a chegada de epidemias que causariam mortalidade e também arruinariam o comércio, já que nenhum navio desejaria entrar até ter certeza de que havia superado a doença.

Um terceiro perigo do mar era a deterioração dos peixes capturados. A criação de peixes sempre foi extremamente delicada durante a era moderna.

Biographical Note / Nota biográfica: Es Licenciado en Geografía e Historia, Licenciado en Periodismo, Licenciado en Filosofía Ciencias de la Educación, Licenciado en Filología Inglesa. Doctor en Geografía e Historia. Catedrático de Historia Moderna de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. 15 Tesis Doctorales dirigidas. 15 Libros científicos publicados. Más de 150 artículos y capítulos de Libros. Más de 150 ponencias en Congresos.

Director del Departamento de Ciencias Históricas de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria desde 03/02/1999 hasta 03/05/2004. Profesor del Master en Historia de América Latina “Mundos Indígenas” de la Universidad Pablo de Olavide. Profesor del Postgrado em História do Atlântico e de la Diáspora Africana de la Universidade Estadual de Santa Cruz-UES, Brasil. Miembro correspondiente del CHAM en Lisboa.

Profesor Visitante en diversas universidades: Université Paris III-Nouvelle Sorbone, Université Aix-En-Provence-Marseille, Université Lyon III, University La Trobe (Melbourne), Universidade Fluminense, Universidade de Goias, PUCE de Ecuador, Universidad Nacional de Sur (Argentina), Universidad de Santiago de Chile, UNAM, Universidad de Querétaro, Universität Salzburg, Universidad de Barcelona, Universidad Autónoma de Nicaragua, Universidad de San Carlos de Guatemala, Universidad Talastasan sa Kasayan (Filipinas), Tashkent State Economic (Uzbequistan), Universidade do Porto, Universidade das Ações, Universidad Ibn Zohr (Marruecos), Comune di L'Aquila (Italia), Università Degli Studi di Napoli Federico II (Italia), entre otras.

Visiting Fellow en el European University Institute, Florencia, mayo-junio 2003. Más de 150 comunicaciones en Congresos Internacionales en los cinco continentes. Director de la Revista *Vegueta. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia* Entre 2014 y 2019. Miembro del Comité de Redacción y del Comité Científico de varias revistas nacionales e internacionales.

ORCID ID: 0000-0002-9505-9288. ResearchGate: D-9092-2016.

Abstract / Resumo: Nesta comunicação é analisado o impacto na saúde pública da extensão dos arrozais, na segunda metade do século XIX e inícios do século XX. A orizicultura era considerada, ao tempo, insalubre, sendo responsabilizada por epidemias de “febres intermitentes” ou “sezões”, vulgo malária, que acometiam as populações residindo nas suas imediações, estando na origem de formas diversas de protestos populares. Preços elevados, peso político de proprietários, hesitações legislativas constituíram o eixo central de uma cultura polémica que só será ultrapassada com a descoberta do agente causador da malária e a definição da teoria anofélica, a qual abre caminho às primeiras medidas sanitárias de erradicação da doença, centradas sobretudo na criação de postos antissezonáticos, e à conversão da cultura numa prática agrícola normal, sem os estigmas da doença que lhe estavam associados. Abordam-se igualmente os medos causados pela doença e as soluções terapêuticas apontadas para o seu tratamento, sobretudo do campo da medicina popular e da terapêutica caseira. Como fonte base para este estudo utilizam-se fontes administrativas (manuscritas e impressas), periódicos, bibliografia especializada, manuais de medicina popular e livros de receitas, entre outros. Como metodologia de trabalho recorre-se à análise quantitativa e qualitativa dos documentos recolhidos e ao cruzamento de fontes.

Biographical Note / Nota biográfica: Professora catedrática Jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desde Janeiro de 2025 e foi Coordenadora Científica do *Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra*, unidade I&D da FCT, de 2013 a 2020. Tem desenvolvido a sua investigação e docência nas áreas da História Contemporânea, da Museologia e Património e dos Patrimónios Alimentares, com particular ênfase nos domínios da história rural, da história das formas de sociabilidade, da história da vida privada e da história das mulheres e do género. É autora de mais de uma centena de publicações, membro de projetos de investigação nacionais e internacionais, bem como de conselhos editoriais de várias revistas científicas portuguesas e estrangeiras e tem integrado painéis de avaliação de projetos/bolsas de investigação nacionais e internacionais. Já orientou mais de uma centena de dissertações de mestrado e de teses de doutoramento, tendo participado em inúmeros júris. CV mais completo disponível online: <https://www.cienciavita.pt/7116-054C-1FE6>

Agricultura, crises ecológicas e fomes em Portugal: interações entre Estado e sociedade na gestão da escassez (1820-1926)

Leonardo Aboim Pires

Abstract / Resumo: Ao longo do século XIX e até meados do século XX, o medo da fome constituiu uma presença estrutural na sociedade portuguesa, refletindo uma vulnerabilidade persistente face à insegurança alimentar. À semelhança do que estudos comparativos sobre fomes demonstram, a escassez raramente derivava da simples falta de alimentos, mas antes de falhas nos sistemas de acesso e distribuição, o que o economista Amartya Sen definiu como *entitlements failure* (fracasso dos direitos). Em Portugal, as crises alimentares foram recorrentes, combinando más colheitas, eventos climáticos extremos, dificuldades logísticas e desigualdades estruturais no acesso à terra e aos recursos. A fome assumia formas crónicas, sobretudo nas zonas rurais, sob a forma de dietas pobres em nutrientes essenciais, coexistindo com episódios agudos de escassez que geravam instabilidade social e em que momentos de confronto bélico redobravam esses receios. Conjunturas de colapso agrícola, como a crise do míldio da batata na Madeira (1846-1847) ou os *anni horribiles* de 1856 e 1871 no território continental, intensificaram o medo da fome. Mesmo fora de situações de fome declarada, o receio da escassez sustentava expectativas de intervenção estatal nos circuitos de abastecimento. Partindo deste enquadramento, esta comunicação analisa como o medo da fome atuou como fator mobilizador da ação estatal em Portugal entre o advento do liberalismo e o final dos anos 1920, tendo como principais objetivos contribuir para a compreensão histórica da construção do Estado, avaliar a centralidade das questões alimentares no processo de modernização administrativa e técnica e examinar a evolução dos discursos e das preocupações institucionais com a segurança alimentar. Metodologicamente, a investigação assenta numa abordagem qualitativa, recorrendo a legislação, debates parlamentares, periódicos de temas rurais e técnico-científicos, além de núcleos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo relativos aos Ministério das Obras Públicas, do Reino e da Agricultura.

Biographical Note / Nota biográfica: Licenciado e Mestre em História pela NOVA/FCSH. Doutorando em Ciências da Sustentabilidade pelo ICS/UL. É investigador no ISEG Research in Economics and Management (ISEG/UL) e membro da European Rural History Organisation. A sua área de investigação preferencial é a história económica e social contemporânea, com especial enfoque nas temáticas da agricultura, da sociedade rural, do ambiente e da alimentação, tendo ainda desenvolvido estudos sobre o corporativismo salazarista e interesses organizados. Foi galardoado com o Prémio Jovem Investigador em História da Comunicação (2025). Pertenceu a diversos projetos de investigação e foi membro de comissões organizadoras de eventos nacionais e internacionais. Colaborou em obras coletivas como *Pobreza e fome, uma história contemporânea* (2022) e *História Global da Economia e Gestão de Portugal* (no prelo) e publicou em revistas nacionais e estrangeiras como *Ler História*, *Historia Agraria*, *Revista Portuguesa de História* e *Rubrica Contemporanea*.

***Pobreza e o medo da insuficiência como forças de submissão: um estudo dos
“Manuscritos Econômico-Filosóficos”***

Roan Chimello Dias

Abstract / Resumo: Nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx realiza uma investigação fundamental dos processos de alienação na sociedade capitalista, enfatizando suas quatro dimensões constitutivas e o modo como expressam relações de perda e privação com o mundo e com a atividade humana. Nossa proposta é a de examinar como a pobreza atua enquanto fator que impele os indivíduos ao trabalho alienado: de um lado, como condição objetiva do poder autônomo e independente do capital; de outro, como experiência subjetiva de medo, insegurança e submissão e como uma limitação do desenvolvimento humano. Consideramos o apontamento de Marx segundo o qual, “tirante o caso da violência, o que me leva a alienar a minha propriedade a outro? A Economia Política, com razão, responde: a carência, a necessidade”. A partir dele e da dinâmica das dimensões da alienação, o “medo da insuficiência” se mostra intrínseco e necessário à reprodução do capitalismo e à manutenção da classe trabalhadora sob os limites mínimos de existência. Desta forma, na situação de pobreza encontram-se diversos momentos e movimentos de privação, sofrimento, medo e insegurança que tendencialmente inclinam os indivíduos ao trabalho alienado e à existência resumida ao trabalho, à reprodução físico-biológica e às dinâmicas do mercado – uma vida de submissão e condicionamento. Este tensionamento polariza a vida dos indivíduos entre um “nada preenchido” – o trabalho alienado – e um “nada absoluto” – desemprego e miséria extrema. O contexto histórico a ser considerado tem como pano de fundo os relatos da primeira metade do século XIX (alguns recuperados pelo próprio Marx), especialmente os de Engels em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Por fim, ao destacar a relação entre alienação e pobreza, objetivamos mostrar que ambas se retroalimentam e, nos *Manuscritos*, aparecem entrelaçadas na construção de um horizonte de vida marcado pela constante ameaça da carência e necessidade e, para isto, pretendemos uma metodologia de análise conceitual imanente da obra de Marx, buscando múltiplos sentidos existentes nela.

Biographical Note / Nota biográfica: Possui graduação em Direito pela UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) – FCHS – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Câmpus de Franca (2021), onde participou de organização de eventos e de grupos acadêmicos.

Matriculado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curso de Mestrado Acadêmico, na UNESP Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus de Marília, participando de debates como *II Encontro do Seminário Permanente de Filosofia, Crítica e Sociedade* e *XX Encontro da ANPOF*. Atualmente, realiza pesquisa com apoio da FAPESP a respeito da relação entre *pobreza e alienação nos Manuscritos Econômico-Filosóficos* de Marx e sob orientação do Prof. Dr. Hélio Alexandre da Silva.

Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em “Teoria Crítica” e “Ética”, e é membro do Núcleo de pesquisa em Ética, Filosofia, Teoria política e Social (NéFiTs).

Implorando al cielo en tiempos de sequía: La importancia del agua en Gran Canaria documentada en la pintura de Antonio Padrón

Diandra Alonso Herrera

Abstract / Resumen: A lo largo de su producción artística, Antonio Padrón retrata el agua como elemento definitorio de la cultura canaria debido a la estrecha relación que queda manifiesta en sus obras del municipio de Gáldar del que era oriundo. Padrón pinta paisajes de playa con el mar como medio para la emigración de la época, lugar de juego para los niños, pescadores faenando, así como la fauna y flora marina local, haciendo hincapié en el agua potable a través de obras donde representa a aguadoras, cultivos que necesitan abundante agua como el plátano y lugares prehistóricos donde los antiguos aborígenes de la isla almacenaban este preciado bien. No obstante, entre sus obras destaca la serie de *La lluvia*, donde Padrón documenta pictóricamente una escena frecuente durante las épocas de sequía en la isla, episodios de aridez que solían atemorizar a sus habitantes durante un largo e incierto período. El presente estudio tiene como finalidad subrayar la relevancia de la pintura de Antonio Padrón como documento pictórico de valor patrimonial para comprender determinadas cuestiones y episodios históricos acontecidos en el municipio de Gáldar, relacionados con el agua, así como concienciar sobre la importancia de este elemento universal primordial para la vida de todos los seres vivos conectados por este elemento a lo largo y ancho del mundo.

Biographical Note / Nota biográfica: Especialista en Patrimonio Histórico, Cultural y Natural, máster en Formación del Profesorado ESO, Bachillerato y enseñanza de idiomas, y doctoranda en el Doctorado Islas Atlánticas: Historia, Patrimonio y Marco Jurídico Institucional. Posee varias publicaciones: *Antonio Padrón: Vida y Obra* (2019); *Lo que atesora la marea: Las playas de Lanzarote y Fuerteventura como hilo conductor de su cultura* (Cabildo de Fuerteventura. 2020) y *La brujería en el arte a través de la visión mágica de Antonio Padrón* (Anuario de Estudios Atlánticos. 2022).

Contribución en publicaciones de la FEDAC, derivadas del trabajo para Gárgola, (Margullía. 2019-2020) en: La Biblioteca General (Universidad de Tafira); El seminario de Agustín Millares Carló (UNED); La Cueva Pintada, (Gáldar); La Casa de la Cultura (Arucas) y Centro de Cultura Audiovisual (LPGC). Guía en el Castillo de la Luz (Fundación Martín Chirino. 2019) Conferenciante en las II y III Jornadas de Orientación Laboral (ULPGC 2019 / 2024). Mentora de *Technovation Challenge* para la creación de aplicaciones *web*.

Proyectos realizados para el Gobierno de Canarias (Ministerio de Justicia. 2021-2023) para la recuperación de la Memoria Histórica mediante la actualización del diseño de su página *web*, base de datos del Gobierno de España y mapas de fosas con relación a la lista de asesinados y desaparecidos en Canarias durante la guerra civil española y además, proyectos realizados para la Fundación Juan Negrín (2023-2024) del expresidente (LPGC): Inventariado; clasificación; catalogación; conservación y difusión de su archivo (obras de arte, documentos escritos y cartográficos de la guerra civil, etc.)

Abstract / Resumen: La colonización agraria del franquismo se presentó oficialmente como un ambicioso proyecto de regeneración económica y moral: la creación de comunidades rurales patrióticas, autosuficientes y disciplinadas, insertas en un marco de orden y progreso. Entre 1939 y 1971, se fundaron más de 300 nuevos pueblos de colonización, concebidos como núcleos agrícolas planificados para poblar zonas poco explotadas y modernizar la agricultura. Estos asentamientos, gestionados por el Instituto Nacional de Colonización, ofrecían tierras, viviendas y recursos a familias seleccionadas bajo criterios productivos, morales y políticos. Sin embargo, detrás de esta retórica se ocultaba una realidad marcada por la precariedad extrema y el miedo constante a la insuficiencia. Esta comunicación aborda cómo el hambre y la amenaza de la expulsión operaron como mecanismos fundamentales de control social en los pueblos de colonización andaluces durante los denominados “años del hambre”. A través del análisis de fuentes orales y documentales, se explora cómo la supervivencia material se convirtió en la principal preocupación de las familias colonas, sometidas a un rígido régimen de tutela estatal. La asignación de tierras estuvo condicionada no solo por la productividad agrícola, sino también por la lealtad política y la adhesión a los valores morales impuestos. En este contexto, el miedo a ser desposeídos de lo que apenas garantizaba la subsistencia (y, en muchos casos, ni siquiera eso) fomentó la obediencia y anuló cualquier atisbo de resistencia organizada. Más que construir comunidades cohesionadas y convencidas de su misión patriótica, el franquismo forjó un orden basado en la fragilidad material y la amenaza constante. Este estudio invita a repensar la idea de éxito del proyecto colonizador, poniendo el foco en las estrategias de control aplicadas y sus efectos: apatía, desmovilización y la naturalización del miedo como parte de la vida cotidiana.

Biographical Note / Nota biográfica: Holds a PhD in Contemporary History from the University of Granada. Her research focuses on the relationship between gender and agrarian policy in 20th-century Spain, particularly in the context of Francoist colonization, which is the subject of her doctoral thesis. She has undertaken research stays at institutions in Paris and Lisbon, and her work has been published in various journals, including *Historia Social*, *Arenal. Revista de Historia de las Mujeres*, *Historia Agraria*, and the *Journal of Rural Studies*. She is co-author, along with Teresa María Ortega, Ana Cabana, and Silvia Canalejo, of the book *Women and Agriculture in 20th-Century Spanish Politics* (Cátedra, 2024).

Maria do Carmo Cardoso Mendes

Abstract / Resumo: O romance *Lenin Oil* (2006), de Pedro Rosa Mendes, constrói uma poderosa metáfora sobre os efeitos perversos da extração petrolífera em São Tomé e Príncipe, oferecendo uma crítica incisiva ao neocolonialismo contemporâneo. A narrativa desvela o medo como um sentimento difuso e persistente que perpassa o imaginário das populações locais, confrontadas com promessas de desenvolvimento que encobrem práticas extrativistas predatórias. Nesse contexto, o petróleo deixa de ser símbolo de progresso para se transformar num catalisador de ansiedade coletiva, perda identitária e desagregação ecológica, como a expressão do narrador ironicamente traduz: “Os rios do paraíso existem mesmo”.

A obra inscreve-se, assim, numa linhagem literária que, por parte de escritores de língua portuguesa como os angolanos Pepetela ou Ondjaki, denuncia o papel dos poderes ocidentais na perpetuação de desigualdades estruturais no continente africano. *Lenin Oil* expõe as engrenagens de um sistema internacional em que os interesses económicos e geopolíticos das grandes potências, sobretudo dos Estados Unidos, moldam o destino de países do Sul Global. A suposta aliança tecnológica e económica entre o Ocidente e África traduz-se na imposição de modelos de desenvolvimento exógenos, frequentemente alheios às realidades locais. Este panorama alimenta o sentimento de medo – da expropriação, da contaminação ambiental, da erosão cultural e da exclusão social. Trata-se de um medo que remete ao conceito de *Environmentalism of the Poor*, demonstrando como as comunidades locais, muitas vezes marginalizadas, são as primeiras a sofrer as consequências da degradação ambiental. Nesse sentido, *Lenin Oil* constitui uma peça-chave para uma leitura ecocrítica da literatura portuguesa contemporânea, ao articular os efeitos da devastação humana e paisagística com a urgência de reconfiguração das relações entre os seres humanos e o mundo natural.

Esta comunicação analisa os mecanismos de dominação neocolonial apresentados no romance e o modo como a denúncia da espoliação de recursos naturais no continente africano alimenta um sentimento difuso de medo, que o narrador procura substituir por uma proposta de relações mais justas e equilibradas entre humanidade e natureza.

Biographical Note / Nota biográfica: Professora do Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho, onde desempenhou as funções de Vice-Presidente de Escola e Presidente do Conselho Pedagógico da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas. Dirige a Licenciatura em Estudos Portugueses. Foi professora convidada visitante em universidades de Cuba, Federação Russa e Japão. É especialista em literatura portuguesa moderna e contemporânea; Ecocrítica; literaturas e culturas africanas de língua portuguesa. É Vice-Presidente do *InFast – Instituto de Estudos do Antropoceno* – e coeditora da publicação académica *Anthropocena – Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*. Para além de cerca de uma centena de ensaios e de capítulos de livros, os seus livros mais recentes são: *Africanidades Eletivas. 22 Estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* (2020); *Ecocriticism 2018. Literature, Arts and Ecological Environment* (2018).

Medos, traumas e distopia em *Petit Pays* e *Jacaranda* de Gaël Faye : As derivas do Ruanda contemporâneo

Leonor Martins Coelho

Abstract / Resumo: Os romances *Petit Pays* e *Jacaranda*, de Gaël Faye, exploram a experiência traumática que resulta do genocídio advindo no Ruanda, no final do século XX. As narrativas revisitam as violências grupais decorrendo da colonização e sublinham a exacerbação étnica entre Hutus e Tutsis. As narrativas constituem-se como testemunhos de uma violência exercida em contexto pós-colonial, revelam quadros de infâncias perdidas e expõem, num exercício de desilusão, as derivas e as incertezas do Ruanda contemporâneo. Os dois textos de Faye dão conta de hostilidades, perseguições e medo, destacando zonas sombrias da história passada e recente em África. Em *Petit Pays*, Gaby, o jovem mestiço que se refugiou no Burundi, ao regressar ao país, constata a fratura identitária e não esquece o caos, que nos será narrado por Gabriel/Gaby. Este romance, que foi adaptado para banda desenhada, teatro e cinema, frisa dramas humanos que a escrita ou a imagem procuram desvendar. Em *Jacaranda*, Milan, também mestiço, regressa várias vezes ao país materno para nele permanecer, numa identificação africana que o crescimento da infância à idade adulta possibilitou. Ambos os protagonistas são fruto de uma geração que carrega o fardo de uma guerra e memórias penosas, veem vidas fraturadas e acompanham inúmeros traumas individuais e coletivos. Os dois romances acentuam receios, aversões e conflitos que, pese embora o facto de estarem serenados, podem ressurgir, alimentados por ódios e incompreensões sempre à espreita.

Biographical Note / Nota biográfica: Professora na Universidade da Madeira e investigadora integrada no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa (*cluster* “Viagem e Utopia” do Grupo LOCUS. Espaços. Lugares e Paisagens). Participa regularmente em colóquios internacionais. Tem (co)organizado colóquios, jornadas e seminários. Na intersecção dos Estudos de Cultura com os Estudos Literários, destacam-se, de entre as suas publicações, *Gérard Aké Loba: Utopia e Identidade Pós-colonial* (2019), *Viagem e Cosmopolitismo: da Ilha ao Mundo* (co-coord., 2021) e *Insularidades. Rotas. Gentes. Lugares* (coord., 2021), *O Teatro de José Saramago. (Im)possibilidades da Utopia* (2022) e *Vício Impune. Textos e Leituras* (2023). Os seus ensaios, artigos e resenhas estão publicados em revistas nacionais e internacionais, tais como *Dedalus*, *Colóquio/Letras*, *Limite* e *Reflexos*.

Arte, sexo e a construção da vergonha. Uma proposta para o entendimento de processos de autocensura na arte em Portugal no pós-25 de Abril.

Luís Herberto

Abstract / Resumo: Esta é uma pesquisa direccionada para o debate referente às polémicas que geram interdições, censuras e processos de autocensura, em projectos artísticos que recorrem a representações sexualmente explícitas enquanto referente. Configura uma análise a controvérsias que geram interdições, censuras ou processos de autocensura, em projectos visuais de acesso público e que se estabelecem na conflituosa relação erotismo/ pornografia, procurando interpretar no território português, manifestações artísticas relevantes nestas temáticas, a partir do 25 de Abril de 1974, no pressuposto das possibilidades conquistadas no clima de liberdade criativa e de expressão, consagradas na Constituição Portuguesa de 1976. O contexto nacional permite escassas apresentações de obras visuais sexualmente explícitas, após o 25 de Abril de 1974 até ao presente e, passadas cinco décadas, é possível um olhar e afastamentos tao neutros quanto possível, para uma análise da produção artística nesta temática ainda controversa, em obras de autores como Acácia Maria Thiele, João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira.

A representação do corpo é culturalmente transversal à condição humana e a sua dimensão ontológica é tão abrangente como singular, sobretudo nas temáticas que se afastam claramente da esfera do erotismo consensual, não estando ainda, paradoxalmente, definidas fronteiras entre erotismo e pornografia na arte erudita, uma vez que as construções morais de cada sociedade definem as possibilidades de apresentação para os espaços públicos, permitindo uma extensa e ambígua interactividade, na sua interpretação e discussão. As definições do erótico e do pornográfico - podendo resvalar para o obsceno, estão em constante mutação, adaptáveis igualmente a imagens acomodadas a termos e época próprias, reconfigurando na sua leitura, o que significam o pudor ou a vergonha e o modo como se adaptam na dimensão publica.

A temática apresentada é reconhecida como provocatória e particularmente transgressora, em contextos panfletários e de agendas reactivas específicas, mas igualmente numa esfera hedonista.

Biographical Note / Nota biográfica: Licenciado em Artes Plásticas/ Pintura em 1998 (FBAUL) e Doutorado em Belas Artes pela Universidade de Lisboa (FBAUL), em 2015, com a tese *Imagens Interditas? Limites e rupturas em representações explícitas do sexo no pós-25 de Abril*, é Professor na Faculdade de Artes e Letras da Universidade Beira Interior (UBI), na Covilhã, desde 2003. Investiga com incidência na interacção entre questões de género, sexualidade, provocação e arte. É membro integrado na iA* Unidade de Investigação em Artes, integrada na UBI (CIÊNCIA ID EA17-8957-88C8)

Artista visual desde 1994, com exposições colectivas, individuais, simpósios e residências, está representado nas colecções do Museu de Angra do Heroísmo (MAH), da Biblioteca/ FCT da Universidade Nova de Lisboa, ISPA-Instituto Universitário, Fundação Dom Luís/ Cascais, Museu da Guarda, Museu de Setúbal, Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior e diversas colecções particulares (www.luisherberto.com).

Lucas Augusto da Silva

Abstract / Resumo: O presente paper intenciona refletir a respeito da construção do imaginário associado à imigração em Portugal, a partir de um processo discursivo ainda bastante fundamentado em sua história colonial. Inspirado na gramática das cores de Salman Sayyid (2004), tento dissecar tal imaginário, coligindo as quatro características fundamentais deste discurso - distinção ontológica, exotização, assimilação e integração sucessiva - à categoria de racialização (desde Frantz Fanon a Grada Kilomba) a fim de evidenciar como a construção desta narrativa vem se refletindo contemporaneamente no contexto sociocultural português. Partimos deste panorama para analisar como os estudos sobre xenofobia têm se estabelecido e quais suas limitações e potencialidades para estudos futuros, sobretudo no que diz respeito às suas intersecções com os estudos sobre racismo. Tal comunicação é apresentada a partir do cruzamento da minha pesquisa de doutoramento centrada na análise da produção poética realizada por imigrantes de língua portuguesa contemporaneamente em Portugal e no meu trabalho como investigador do projeto *Corpos geradores: da agressão à insurgência*. Contributos para uma pedagogia decolonial (FCT Ref.: 2022.06269.PTDC), que busca, dentre seus objetivos, compreender como são vivenciadas as manifestações de racismo quotidiano pela população negra em Portugal.

Biographical Note / Nota biográfica: Mestre em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa e doutorando em Discursos: Cultura, História e Sociedade coordenado em conjunto pelo Centro de Estudos Sociais (CES), a Faculdade de Letras (FLUC) e a Faculdade de Economia (FEUC) da Universidade de Coimbra. É poeta, autor de dois livros de poesia (*_Revelação_*, 2017; *Quarentenário & Desjejum_*, Ed. Urutau, 2021). Organizou a “Antologia Poética da Imigração Lusófona”, publicada pela Editora Kotter no Brasil e em Portugal em 2021. É membro do Coletivo Andorinha, grupo composto por brasileiras/os imigrantes que defendem a causa democrática a partir da produção de conteúdos e narrativas artístico-políticas acerca da atual situação do Brasil. Atualmente é bolseiro de investigação no projeto *_Corpos geradores: da agressão à insurgência*. Contributos para uma pedagogia decolonial_ (2022.06269.PTDC).

Como sobre(viver) com o “outro”? Declinações da discriminação em “Não se pode morar nos olhos de um gato” de Ana Margarida de Carvalho

Dora Gago

Abstract / Resumo: *Não se pode morar nos olhos de um gato* (2016), de Ana Margarida de Carvalho, galardoado com dois prémios literários (Associação Portuguesa de Escritores/Direção Geral dos Livros e Bibliotecas 2016 e Prémio Manuel de Boaventura, 2017), centra-se no naufrágio de um navio negreiro clandestino, ao longo da costa do Brasil, no final do século XIX. A esse acidente sobrevivem o capataz, um escravo, um criado, um padre, um jovem solitário, a esposa do dono do navio, um menino, filho de uma escrava falecida no desastre, que ancoram numa praia deserta, isolada.

Estas personagens de classes sociais e estatutos distintos, alienadas cada vez mais da realidade, são conduzidas para os abismos do desespero, do medo, explicitados através da relação com o “outro”, de onde emergem o racismo e os mais diversos tipos de discriminação. Assim, analisaremos, recorrendo aos contributos de Paul Voestermans, Christoph Wulf, entre outros, o modo como o estranhamento e a discriminação são declinadas ao longo do romance, assumindo-se a alteridade como a linha configuradora dos obstáculos a ultrapassar para uma harmoniosa vivência em comunidade.

Biographical Note / Nota biográfica: Investigadora doutorada integrada do CHAM e Professora Convidada do Instituto Politécnico de Setúbal

Doutorada em Literaturas Românicas Comparadas pela Universidade Nova de Lisboa (2007), lecionou entre 2012 e 2022 na Universidade de Macau (China), onde foi Professora Auxiliar, Professora Associada de Literatura, coordenadora dos programas de mestrado e doutoramento, vice-directora e directora do Departamento de Português.

Foi Leitora do Instituto Camões na Universidade da República Oriental do Uruguai; investigadora de pós-doutoramento na Universidade de Aveiro e pós-doc visitante na Universidade de Massachusetts Amherst (Estados Unidos), investigadora principal de vários projetos, membro do comité editorial de revistas académicas internacionais e colaboradora dos centros de investigação (ex: o Centro de Estudos Ingleses de Tradução e Anglo-Portugueses (Universidade Nova de Lisboa); Centro de Estudos Comparatistas (Universidade de Lisboa).

É autora de um considerável número publicações na área da Literatura Comparada, também de poesia e de ficção, tendo obtido diversos prémios, sendo o mais recente o Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina da Associação Portuguesa de Escritores, atribuído ao seu livro *Palavras Nómadas*, em 2004.

“Go back to the shadows from whence you came!”: Nimona’s Subversion of Difference as Marker of Otherness and Monstrosity

Inês Vaz

Abstract / Resumo: For as long as there have been humans, they have had fears. Ever since there has been storytelling, these fears have taken the shape of monsters. “That our monsters keep changing—or that the same monsters look, act, and function differently in different historical contexts—demonstrates the extent to which our understanding of them is always dependent upon time, place, and worldview.” (Jeffrey Andrew Weinstock in *The Ashgate Encyclopedia of Literary and Cinematic Monsters*, 2014, p.4)

Indeed, the factors by which we identify monsters are constantly evolving, which in turn leads to alterations in their representation in narratives. In fantasy fiction for instance, while monsters may have once stood as mere obstacles in the hero’s path, nowadays they have evolved to embody more complex metaphors for societal fears, also influencing representations of the closely related tropes of heroes and villains.

Taking this into consideration, it is the aim of this paper to explore how the movie *Nimona* (2023) calls attention to and explores how the monstrous Other is perceived and (re)constructed by society, based primarily on stereotypes, mostly related to physical appearance.

In doing so, this study intends to examine and compare traditional and contemporary definitions, representations, and perceptions of heroes, villains, and monsters, exploring how difference has historically stood as an indicator of evil, and how *Nimona* subverts and challenges these traditional perceptions by deconstructing the roots of specific societal fears, playing with monstrous bodies, disability, queerness, and other “Othering” factors, in order to expose how societal perceptions of difference lead to marginalization and ostracism.

Ultimately, this study seeks to question how societal fears are ingrained and perpetrated through their portrayal in stories that are passed down from generation to generation, considering the question: “Who is the Other and who decides?”.

Biographical Note / Nota biográfica: PhD student at NOVA School of Social Sciences and Humanities and recipient of a research grant provided by the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT), associated with the CHAM Center of Humanities since 2023. Pursuing a degree in Modern Literatures and Cultures, the focus of her research is fantasy fiction, namely, representations of monstrous creatures in contemporary animation pieces. Holding an MA in English and North-American Studies, her master's dissertation looked at female renditions of the monomyth in children's fantasy literature. Other published works explore themes such as adaptation and gender issues in fantasy contexts.

Abstract / Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a forma como a tecnologia, em particular a inteligência artificial, e os *media* contribuem para a disseminação e reforço do medo, nomeadamente em relação a situações de xenofobia e racismo. Podem os sistemas algorítmicos, a automatização de informação e a robotização de mensagens impulsionar preconceitos?

A visibilidade e a amplificação de determinados temas num contexto de comunicação digital em rede não podem ser analisadas sem considerar os algoritmos e o seu papel determinante no acesso à informação. Esta realidade assume especial relevância em contextos de xenofobia, racismo e discursos de ódio (Astobiza, 2024). A sua reprodução assenta, não raras vezes, em mecanismos automatizados que contribuem para fenómenos de sensacionalismo, polarização e perpetuação de estereótipos.

A datificação da vida social e a proliferação algorítmica (Vicente, 2023; Kissinger, Schmidt e Huttenlocher, 2021; Beer, 2016) impulsionam assim o questionamento sobre a neutralidade da máquina.

Entre a euforia e a inquietação face à tecnologia, esta pesquisa examina casos concretos em que estas dinâmicas se manifestam considerando diferentes plataformas digitais e ambientes mediáticos, procurando ainda discutir as implicações do recurso a inteligência artificial nos processos comunicacionais. São também exploradas as formas como o medo é capitalizado e instrumentalizado, nomeadamente no contexto social e político (Prior, 2021).

Bibliografia

Astobiza, A. M. (2024). Deepfakes, desinformación, discursos de odio y democracia en la era de la Inteligencia Artificial. *Cuadernos Del Audiovisual* | CAA, (12), 177–190.

Bateman, J., Jackson, D. (2024). Countering Disinformation Effectively: An Evidence-Based Policy Guide, CEIP: Carnegie Endowment for International Peace

Beer, D. (2016). The social power of algorithms. *Information, Communication & Society*, 20(1), 1–13.

Kissinger, H. A., Schmidt, E., Huttenlocher, D. (2021). *A era da inteligência artificial*. Dom Quixote.

Leite, N., Santos, L. (2024). Jornalismo, Política e Racismo: O desafio de estudar a representação de minorias étnico-raciais nos media. In *Desafios de Investigação em Ciências Sociais: A Relevância Social e Científica nos Projetos de Doutoramento*. CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho.

Oliveira, A. (2023). *Uma nova era*. <https://ffms.pt/pt-pt/atualmentes/uma-nova-era>

Prior, Hélder. Digital populism and disinformation in «post-truth» times. *Communication & Society* 34 4 (2021): 49-64.

Vicente, P. N. (2023). *Os algoritmos e nós*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Biographical Note / Nota biográfica: Professora Associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores. É investigadora integrada do LabCom – Laboratório de Comunicação da Universidade da Beira Interior (UBI) e colaboradora do CHAM – Centro de Humanidades (UAc). É doutorada em Ciências da Comunicação pela UBI. Entre outros temas, tem pesquisado sobre jornalismo e novos *media*. Atualmente é membro do projeto MemNews – História oral e memória(s) das práticas de consumo e receção noticiosa e da experiência das notícias em Portugal a partir dos testemunhos dos cidadãos. É também a responsável pelo projeto *Countering Disinformation and Media Literacy*, do American Corner – UAc.

Mais informação: <https://www.cienciavitaet.pt/porta/en/351E-2330-A0BE>

Representações da Deficiência nas Artes Visuais: Infortúnio, Tragédia e Mal. O caso paradigmático das coleções portuguesas.

Patrícia Roque Martins

Abstract / Resumo: A representação da deficiência nas artes visuais da cultura ocidental, desde a antiguidade até à atualidade, encontra-se intimamente ligada à construção do significado social da deficiência ao longo dos tempos. No entanto, muitas dessas representações contam narrativas distorcidas sobre a realidade de vida das pessoas com deficiência, pois refletem discursos específicos de um determinado período histórico, muitas vezes, com o objetivo claro de evocar reações emocionais associadas à ideia de infortúnio, da tragédia e do mal. Tratam-se de representações estereotipadas que serviram para enquadrar um discurso do medo, associando a diferença corporal a um desvio da norma e, sobretudo, a uma ameaça à ordem social "normal" e "saudável". Como resultado, as pessoas com deficiência foram objetificadas, contribuindo para a construção de imaginários culturais opressivos e identidades sociais negativas. Além disso, museus, exposições e interpretações da história da arte também desempenharam um papel preponderante no apagamento de histórias reais da deficiência, tornando o tema invisível ou abordando-o de forma preconceituosa.

Esta comunicação tem como objetivo problematizar o modo como as artes visuais moldaram a identidade social da deficiência até aos dias de hoje, refletindo sobre o impacto dessas representações na perpetuação do medo, da opressão e da discriminação perante a condição da deficiência. Ao mesmo tempo, irá analisar o potencial das artes visuais para promover mudanças sociais, examinando como podem desafiar narrativas dominantes e fomentar maior consciência identitária, empoderamento e ativismo. A análise irá centrar-se em coleções museológicas portuguesas, com destaque para exemplos de representações visuais e de textos interpretativos, situando o papel da arte e dos discursos museológicos na promoção de narrativas hegemónicas ou na criação de contra narrativas culturais que desafiem as perceções públicas dominantes sobre a deficiência.

Biographical Note / Nota biográfica: Investigadora Auxiliar no Instituto de História da Arte da FCSH / UNL onde desenvolve o projeto "Narrativas da Deficiência: como (não) explorar a alteridade em museus e exposições? Construindo uma visão para melhorar o imaginário cultural em torno das pessoas com deficiência", financiado pela FCT – CEEC Individual. Anteriormente foi Membro Integrado do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória" da UP, onde desenvolveu o projeto de pós-doutoramento "A Representação da Deficiência nas Coleções dos Museus da DGPC: discurso, identidade e sentido de pertença". É Doutorada em Ciências da Arte (2015), Mestre em Museologia e Museografia (2008) e Licenciada em História da Arte (2001) pela Universidade de Lisboa, Portugal. É autora do livro "Museus (In) Capacitantes. Deficiência, Acessibilidades e Inclusão em Museus de Arte" (Caleidoscópio/DGPC, 2017), do e-book "Representing Disability in Museums: Imaginaries and Identities" (CITCEM, 2018) e de diversos artigos internacionais em revista da especialidade. Os seus interesses de investigação centram-se nos discursos dos museus, representações e artes da deficiência.

Medo da escola: Representações de alunos das escolas açorianas

José Carlos Pereira
Catarina Rosa
Rita Isabel Pereira

Abstract / Resumo: O medo, entendido como uma emoção reativa a uma possível ameaça real ou imaginária, abrange dimensões psicológicas, sociais e culturais que afetam todos os indivíduos. No entanto, é nas crianças e jovens que se torna mais evidente. Ao considerarmos o “medo do outro”, principalmente na relação entre o sujeito e os seus pares em processos de interação, o medo tem um grande impacto nas relações interpessoais. É neste âmbito que surge esta comunicação, que apresenta os resultados de um estudo recente elaborado pelos próprios autores, ligados à área da psicologia e da educação, com o objetivo de compreender como o medo condiciona a relação da criança e do jovem em processos de socialização, integração e inclusão em contexto escolar. Por outro lado, os resultados do estudo apresentam variáveis correlacionadas com situações de bullying, segregação ou, em certos casos, xenofobia e racismo. A comunicação apresenta uma síntese da fundamentação teórica sobre os principais conceitos. A metodologia quantitativa-qualitativa utilizada na recolha de dados contou com a aplicação de cerca de 200 questionários a alunos e 5 entrevistas a familiares. Por último, são apresentadas as principais conclusões da investigação, destacando-se as representações acerca do “medo da escola”, sobretudo em ambientes de integração de alunos estrangeiros em cinco escolas do Ensino Básico e Secundário da ilha de São Miguel, Açores. As conclusões apontam para necessidade de intervenções específicas para melhorar a integração e a inclusão, bem como reduzir o impacto do medo nas relações interpessoais dos alunos nas escolas.

Biographical Notes / Notas biográficas:

José Carlos Pereira é professor auxiliar convidado da Universidade dos Açores. É licenciado em História e Ciências Sociais, mestre e doutorado em Educação pela Universidade dos Açores, com a tese: Os hábitos de leitura dos estudantes açorianos. É orientador de Estágio nos Mestrados em Ensino da História e Ensino de Português e Inglês. Tem vasta experiência na formação de professores e na coordenação de projetos educativos. Coordenou diversos projetos internacionais com alunos em Bruxelas, Londres, Paris, Estrasburgo, Varsóvia, Madrid e Lisboa. Participou em várias palestras e congressos internacionais. Tem obra publicada e é coautor do manual Português Interativo, da Plátano Editora.

Catarina Rosa é psicóloga na Escola Básica Integrada Canto da Maia. É licenciada em Psicologia Clínica e fez uma pós-graduação em consulta psicológica e psicoterapia. Tem vasta experiência na área da Psicologia da Educação em contexto escolar, nomeadamente na avaliação e acompanhamento psicológico de alunos, implementação de programas de desenvolvimento pessoal e social, coordenação de equipas e orientação/aconselhamento de pais e professores. Exerce igualmente atividade e investigação em Psicologia Clínica e da Saúde.

Rita Isabel Pereira é estudante do 3.º ano do curso internacional de Psicologia na Erasmus University Rotterdam, nos Países Baixos, com frequência de estudos na área de Psicologia Clínica e da Saúde, a completar intercâmbio na Universidade de Copenhaga, na Dinamarca, no âmbito das disciplinas: Antropologia médica da saúde e incapacidade, Estudo da consciência humana e Tratamentos alternativos para esquizofrenia. Participa em diversos projetos internacionais na área da Psicologia Clínica e das Organizações.

Imaginários ibéricos do século XXI: medo ou caricatura?

Isabel Araújo Branco

Abstract / Resumo: Espanha é uma ameaça para Portugal? Portugal teme Espanha? Espanha (ainda) pretende invadir Portugal? Estas perguntas parecem ser anacrónicas na Europa do século XXI, mas há evidências que os preconceitos e os medos do «outro» espanhol ainda estão presentes em mentalidades portuguesas. Recordemos o velho ditado que diz «De Espanha nem bom vento nem bom casamento». Ou a explicação de José Saramago em «O (meu) iberismo» (1988): ««Como qualquer outro português antigo e moderno, fui instruído na convicção firme de que o meu inimigo natural era, e sempre haveria de ser, Espanha. Não atribuíamos demasiada importância a que nos tivessem invadido e saqueado os Franceses, ou que os Ingleses, nossos aliados, nos tivessem explorado, humilhado e governado [...]. Absoluto, o que se chama absoluto, do nosso ponto de vista de Portugueses, só o rancor ao Castelhana.»

Para compreender melhor este panorama, analisaremos vários textos literários (como a peça de teatro *Reconquista de Olivenza*, de Ricardo Neves-Neves, em cena em Lisboa, em 2021), programas de rádio/podcast humorísticos, como «Vamos todos morrer» de Hugo van der Ding (rádio Antena 3), «Bruno Aleixo» (SIC Radical e Antena 3) e «As três da manhã» (Rádio Renascença) e comentários em noticiários, como à recente venda da cadeia «A Padaria Portuguesa» a um grupo empresarial espanhol. Pretende-se, assim, desenvolver uma comunicação que cruze o campo dos estudos culturais com os estudos ibéricos, aprofundando a compreensão sobre a imagem de Espanha e dos espanhóis em Portugal nos nossos dias. Para tal utilizaremos as habituais metodologias de análise de texto praticadas nos estudos literários, interpretando as palavras, o seu significado e o seu impacto, utilizando para isso um enquadramento teórico pertinente no âmbito dos estudos comparatistas, em particular na imagiologia.

Biographical Note / Nota biográfica: Professora Associada na Universidade NOVA de Lisboa. É investigadora integrada do CHAM-Centro de Humanidades (NOVA FCSH—UAc), de que actualmente é subdirectora. É directora de *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. Participa no projecto do portal «Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX-XXI)-EDI-RED» da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. É membro do Grupo de Investigación en Literatura Contemporánea (GILCO) (Uni. Alcalá) e participa no projecto «Transficción: La Literatura de la transición democrática española y las narrativas transicionales europeas» (Uni. Zaragoza). Colabora com o Centro de Estudos Comparatistas (Universidade de Lisboa). Recebeu o Prémio Científico Internacional Mário Quartin Graça 2015, concedido pela Casa da América Latina (Lisboa) pela sua tese de doutoramento. Entre outros, publicou *Recepção literária das literaturas hispano-americanas em Portugal* (Münster, LIT, 2021) e *Tradução e edição de obras hispano-americanas em Portugal* (Berlín, Peter Lang, 2020).

O estrangeiro como “outro” absoluto: um conceito que suscita medo e combate

Lená Medeiros de Menezes

Abstract / Resumo: Com o uso de ampla bibliografia, discursos políticos e sua experiência em estudos migratórios, a comunicação discute as formas pelas quais o conceito de “estrangeiro” tornou-se impregnado de discriminação e desperta o medo e a xenofobia. Segundo Jean Delumeau (*História do medo no ocidente: 1300-1800*), o medo ao estrangeiro tem longuíssima duração na história e, nessa trajetória, ajustando-se às reflexões de Reinhart Koselleck (*História dos conceitos*), acumulou “camadas temporais” discriminatórias, de forma, a embasar, no tempo presente, práticas de combate intenso por parte da extrema direita. Esse uso político, porém, depende de quem é caracterizado como “estrangeiro”, pois, como demonstra J. B. Duroselle (*Todo Império perecerá*), nem todos representam a “diferença” da mesma forma, com a existência de mediações relativas à cor, à religião, à origem, a atributos físicos e às condições econômicas. com o peso da discriminação tendendo a recair nos oriundos dos países pobres (Sul Global). Como acréscimo à discussão do conceito, a comunicação refletirá sobre a ocorrência do medo, do ódio e das representações forjadas sobre os “estrangeiros”.

Biographical Note / Nota biográfica: Professora Emérita e Titular de História Contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com inserção no Programas de Pós-graduação em História Social e em Relações Internacionais; Sócia honorária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e outras instituições histórico-culturais; Grão-mestre da Ordem de Mérito José Bonifácio. Desenvolve pesquisas sobre movimentos migratórios e expulsão de estrangeiros, estudos de gênero, movimento operário, anarquismo e comunismo, discurso midiático. Entre seus livros, destacam-se: *Os Indesejáveis: desclassificados da modernidade* (1996/2022), *Tramas do Mal: imprensa e discurso de combate à revolução*, (2020), *Portugueses no Rio de Janeiro: negócios, trajetórias e cenografias urbanas* (2022), *Francesas no Rio Imperial: a França Antártica no feminino plural* (2025).

Closing Lecture / Conferência de Encerramento

O pânico das "alianças diabólicas". Inquisidores e feitiçarias no mundo português (séculos XVI-XVIII)

José Pedro Paiva

Biographical Note / Nota Biográfica: Doutorado em História e Professor Catedrático na Universidade de Coimbra. Foi diretor do Arquivo da Universidade e da Faculdade de Letras da mesma Universidade.

É investigador integrado do Centro de História da Sociedade e da Cultura (CHSC), colaborador do Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR – UCP), e membro da Academia Portuguesa da História e da Academia das Ciências de Lisboa. Já participou e coordenou diversos projetos nacionais e internacionais, foi professor convidado na Universidade de S. Paulo (Brasil) e bolseiro da John Carter Brown Library (EUA) e da Nederlandse Organisatie voor Wetenschappelijk Onderzoek (Países Baixos).

Entre a sua vasta obra conta com a publicação de: "Religious Differences and Imperial Pragmatism in a Polemical Arena: A Privileged Law for Muslims, Hindus, and Jains in Diu (1557)". *Asian Review of World Histories* 12 1 (2024): 61-84; "Las diócesis del patronato portugués en Asia y las razones para la creación de la Propaganda Fide (1622)". *Trashumante. Revista Americana de Historia Social* 23 (2024): 168-191; "A Guarda eclesiástica". In *Guarda. Das origens à atualidade*, 708-767. Guarda, Portugal: Câmara municipal da Guarda; Instituto Politécnico de Viseu e CEPESE, 2024; "A Diocese da Guarda e os seus prelados". In *Guarda. Das origens à atualidade*, 1062-1072. Guarda, Portugal: Câmara municipal da Guarda; Instituto Politécnico de Viseu e CEPESE, 2024; *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*. Lisboa, Portugal: Esfera dos Livros. 2013 (co-autoria com Marcocci, Giuseppe) e *Un episcopato vigile. Portogallo, secoli XVI-XVIII*. Lecce, Itália: Edizioni Grifo. 2013.

Coordenou a monumental obra: *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. 10. 2017.